

2015 número 6



Pentagrama

Lectorium Rosicrucianum

Em busca de novas praias para a alma



Pentagrama

pentagrama

A renovação é – ou deveria ser – uma palavra-chave para o ser humano que aspira à vida espiritual. O rosa-cruz trabalha todos os dias para o poderoso e magnífico plano de aproximação entre ele e seu reino interior. Ele o faz com o auxílio do sopro incomensurável da Eternidade que nele opera.

Se por acaso ele busca avaliar o resultado é para melhorar sua maneira de trabalhar. Nem o passado, nem o fato de ter uma meta bem definida no futuro são determinantes. Para a consciência da alma liberta, o passado gnóstico é a jóia dos obreiros de hoje, e o futuro uma certeza radiante no presente. O rosa-cruz obtém a energia motriz de suas ações do batimento cardíaco do momento – o eterno presente – e dedica à Eternidade o fruto de seu trabalho. O que importa é a renovação, a vontade de utilizar a todo instante a força da origem, independentemente do que se adquire pessoalmente – e, para isso, a inspiração é necessária.

A inspiração é espiritual: ela nos eleva, muito além de nós mesmos. A inspiração é um influxo espiritual que se torna realidade no momento em que convive com uma inclinação pessoal. O novo pentagrama é o resultado desse influxo contínuo. Sua fonte é o campo de força da Escola da Rosa-cruz Áurea; a qualidade de seus alunos determina a força e o caráter de seu conteúdo.

Com este 280º número da **pentagrama** (valor cabalístico 1 – nós começamos em 1979), entende-se uma dupla transição. A revista será publicada agora quatro vezes por ano. Ao mesmo tempo, a editora em Renova está trabalhando em uma versão digital, compatível com *tablets*, computadores e *smartphones*, que entrará em circulação em 2016. No Brasil, a nova versão digital já foi elaborada e disponibilizada desde a segunda edição de 2015.

Esta primeira página editorial pretende ser um chamado que se renova: enviem suas contribuições, seus pensamentos inspirados, seus artigos e suas reflexões ao nosso endereço eletrônico:

artigopentagrama@gmail.com. Esforcemo-nos mais que em qualquer outra época para refletir o trabalho atual de nossa Escola Espiritual no mundo, a fim de que, também através desta nova forma da revista, a possibilidade do renascimento da nova alma seja conhecida. Esperamos que a **pentagrama** faça ressoar a vida da Rosa-cruz Àurea pelo mundo todo.

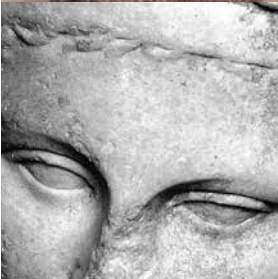


Legenda:

No horizonte, novas praias da vida se apresentam ou se apresentarão a cada um.

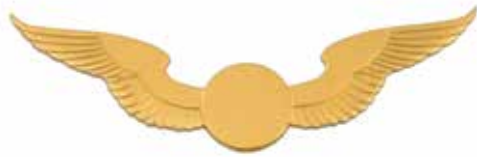
Nas obras de Cindy Patrick aparece um elemento estranho, que expressa de maneira tocante a busca por uma realidade de consciência singular, que, à primeira vista, poderia parecer alienante. © Cindy Patrick Photography.
<http://www.cindypatrick.com>

Conteúdo



- 4 A sede da alma
J. van Rijckenborgh
- 8 Saúde
- 14 O sacrifício das palavras
- 16 Sobre o indizível
- 20 A ilusão
Como o ouro, a prata e o dinheiro deturpam os valores essenciais e não trabalham para o homem, mas sim contra ele
- 22 A ilusão
A ilusão da humanidade
Dinheiro, arcontes e eons
Ad Broere
- 28 A ilusão
Uma terra perene...será que ainda é possível?
Frans Spakman
- 37 Crônica
A faculdade instintiva de ser bom
- 38 A ilusão
Limites de um processo
- 44 A senda real
- 46 O Grande Amigo de Deus do País do Alto
Texto Sodalís, J.P. Wils
- 60 O tango dos opostos
- 64 Crônica
Para resistir, somos obrigados a trabalhar em nós mesmos





O pensamento lúcido de Jan van Rijckenborgh e seu grande amor pela humanidade conduziram-no a fundar, com Catharose de Petri, uma escola moderna de transformação da consciência: o Lectorium Rosicrucianum. A ideia inicial era que, ao cobrirem as lacunas referentes aos conhecimentos situados por trás da existência, seria criada uma alavanca para atenuar o sofrimento do mundo.



A sede da alma

Na manhã do quarto dia, Cristão Rosacruz recebe as novas vestes áureas, bem como os ornamentos do Tosão de Ouro, como prova de que a nova veste áurea influenciara o coração e que o externo já manifestava nova radiação e novo funcionamento. Quando o espírito penetra as sete cavidades cerebrais, ele também o faz no coração, pelo fato do coração estar em contato direto com a cabeça. Assim como o santuário da cabeça se abriu mediante a força da alma, agora a colaboração do novo pensar é que irá fazer o coração trabalhar de maneira nova.

Por conseguinte, nessa primeira fase da transfiguração, o coração e a cabeça sofrem nítida mudança. Os candidatos assim equipados são conduzidos a uma porta que até então Cristão Rosacruz nunca havia visto aberta e que dá acesso à escada real: uma escada em espiral com trezentos e sessenta e cinco degraus. A porta dessa escada sempre se abre para o candidato cujo estado de ser pode ser qualificado de “mercurial”. É por isso que reconhecemos o número de Mercúrio no número trezentos e sessenta e cinco, número que evoca uma força e uma atividade mercurial.

Mercúrio, chamado com toda razão de “mensageiro dos deuses”, exige, como necessidade vital, que a alma se ligue às radiações do Espírito, a fim de que, ambos unidos, possam se manifestar no corpo físico e por meio dele. Quando a

força da alma se alia à força do Espírito, algo se abre no mais íntimo da natureza humana, porém é preciso que essa abertura aconteça no sentido do verdadeiro discipulado gnóstico.

Mercúrio sempre foi o grande símbolo da iniciação: o desenho da Lua, símbolo da alma; o desenho do Sol, símbolo do Espírito; o desenho da Cruz, símbolo da matéria. O caminho do discipulado é o caminho da via-crucis, do não-eu, em perfeita autorrendição – é o caminho-de-cruz de João: “Não eu, mas o Outro em mim. Ele deve crescer, e eu, diminuir.” Quem trilha esse caminho conquista a alma e, com ela, o Espírito.

Quem, por pouco que seja, recebeu algo da alma, também deve receber algo do Espírito. Ele se submete à prova dos sete pesos. Os sete pesos são recolocados em seus lugares. As sete fontes da cons-

Desde o início até as últimas conferências proferidas por J. van Rijckenborgh, ele não cessou de colocar *As Núpcias Alquímicas de Christian Rosenkreutz* (1459) no centro de nossa atenção, revelando numerosos níveis como chaves ocultas.

ciência são tocadas pela Água Viva, e como não poderia ser de outro modo, aquele que trilhou o caminho tem de beber dessa água: portanto, deve agir por meio dela e dela viver. No mesmo instante se inicia o processo da transfiguração. É o começo da fase mercurial, que tem três aspectos: Espírito, alma e corpo. Melhor ainda é dizer: alma, Espírito e corpo, pois nesse processo a alma vem em primeiro lugar. É a noiva que espera o noivo.

Quando, pois, alma, Espírito e corpo se aproximaram um do outro e o candidato se torna o símbolo vivente de Mercúrio, então também se abre a entrada para a escada real em espiral, que forma uma ligação direta e exclusiva entre a cabeça e o coração – para a qual, em determinado momento, o chacra do coração constitui a porta aberta.

Antes de prosseguirmos, repetimos que, no ser comum nascido da natureza, a consciência do homem tem sua sede tanto no coração como também na cabeça, e que a flama da consciência, por conseguinte, arde tanto no coração como também na cabeça. Contudo, existe uma cisão entre ambos os aspectos da consciência. Não se pode falar de uma unidade, pois as considerações e reflexões do coração são, na maioria das vezes, totalmente diferentes que as da cabeça. E uma vez que o coração está ligado tão estreitamente com o corpo astral do homem, ele exerce, em geral, vigoroso predomínio sobre a cabeça, de maneira que se pode dizer: “Não passa pela cabeça o que o coração não quer”.

Uma vez que no ser nascido da natureza o fator astral do coração, que é o fator anímico, desempenha o papel mais importante, o candelabro da consciência na cabeça, que consiste no fluido astral nas setes cavidades cerebrais, desempenha somente o conhecido trabalho intelectual, pelo qual as diversas células cerebrais

harmonizam-se totalmente com o estado de nascido da natureza e cristalizam-se tanto que já nenhuma mudança pode aí realizar-se, mesmo que o ser humano vergue-se de dor, miséria e desgosto, pois o intelecto e as autoridades intelectuais não enxergam nenhum outro caminho! Assim, o homem nascido da natureza, como alma nascida desta natureza, trilha seu caminho até que o fim sobrevenha. No início do quarto dia, aparece um estado completamente diferente. Antes, de modo algum podia-se falar em manifestação mercurial, pois o santuário da cabeça do homem nascido da natureza é um templo totalmente profanado pelo coração, isto é, pelos instintos naturais. E o intelecto somente está voltado para a auto-afirmação e a luta pela existência. A filosofia hermética está totalmente correta quando diz que o homem nascido da natureza é um “homem animal”: portanto, apenas um ser animado.

No estado de ser descrito na passagem aqui analisada, o coração saldou sua dívida capital para com a cabeça por meio do abandono total de todo desejo instintivo. O coração se abriu sob o efeito dos sete raios do coração central do microcosmo. A alma é renovada, nova nuvem astral espalha-se no campo de respiração, e o candelabro sétuplo do santuário da cabeça pode ser tocado pelo Espírito. O caminho para cima foi aberto pelo sacrifício do sangue.

E, vede: uma nova porta se abre. Surge equilíbrio entre o coração e a cabeça, entre a alma e o Espírito. O que se encontra na cabeça também está no coração. O que está no coração também se encontra no santuário mais elevado.

Agora, a Alquimia possibilita aos candida-tos trilhar o caminho para cima através do fogo serpentino. Os degraus são galgados sob a condução da Virgem Alquimia. E eles chegam, finalmente, no alto, a uma

abóbada cheia de afrescos, onde as sessenta virgens os esperam, todas ricamente vestidas. Provavelmente já tereis ouvido ou lido que a pineal, o braço mais alto do candelabro, é comparável a uma rosa ou a um lótus com sessenta pétalas. Assim, fica claro para vós o que essa passagem quer dar a entender. É a descrição do primeiro encontro do candidato com o rei e a rainha e uma confrontação com todos

O Tosão de Ouro é a prova de que o esterno tornou-se radiante e de que os novos valores, que agora habitam o coração, estão ativos na cabeça

os aspectos e forças de sua consciência. A alma toma assento no local que lhe foi predestinado por Deus, isto é, no santuário mais elevado, ao lado do rei, o Espírito. Essa grande vitória da alma é de imenso significado para o candidato. A alma sai do coração para conceder às irradiações do Espírito Sétuplo o acesso às sete cavidades cerebrais. Então, a alma e o Espírito garantem o controle de toda a existência, e a cisão que causava tanta dor desaparece. Por isso, Cristão Rosacruz irrompe em autêntica alegria: “Não fora eu admoestado tão amigavelmente pela rainha no dia anterior, teria esque-

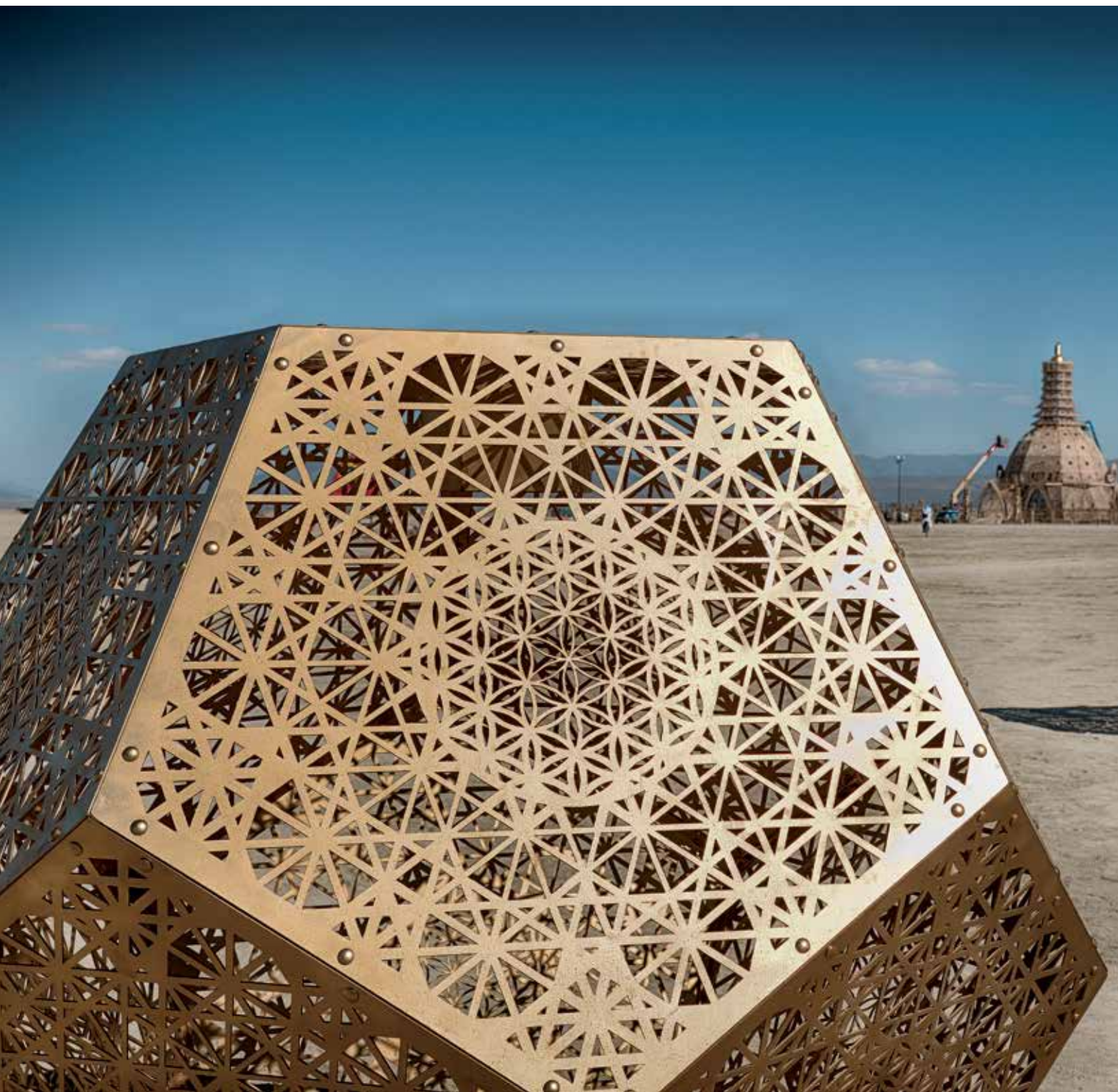
cido a mim mesmo e comparado ao céu semelhante magnificência inefável, pois, abstraindo o fato de o salão resplandecer de ouro puro e pedras preciosas, a veste da rainha era também tão brilhante que não podia mirá-la”.

Para finalizar, talvez seja necessário jogar um pouco mais de luz sobre alguns pormenores do que foi falado, sobretudo para expressar mais concretamente essas coisas provavelmente tão abstratas. Inicialmente, mais uma palavra sobre a escada em espiral que leva ao salão real nupcial: a escada em espiral designa uma ligação entre o chacra do coração e

o chacra superior da pineal. Quando a alma nasceu e os candelabros estão reunidos, ardendo uniformemente, desenvolve-se, literalmente, uma ligação corporal etérico-luminosa entre o coração e a cabeça, livre de qualquer base anatômica. Essa ligação se compõe de éter refletor e de éter luminoso, que são éteres mentais e sensoriais, e que têm um movimento claramente espiralado – razão pela qual se fala de “uma escada em espiral”.

A seguir, lancemos um olhar preliminar diretamente no salão nupcial, ou seja, a parte do cérebro que abriga a pineal e que é a sede da mais elevada manifestação do Espírito, que está unificado com a alma. Nessa parte do cérebro, que abriga a pineal, projeta-se não apenas a lípica do microcosmo, mas também a lípica do mundo da alma vivente. Uma vez que essa possibilidade nasceu da ressurreição da alma, do coração central do microcosmo, é compreensível que a rainha tenha causado em Cristão Rosa-Cruz impressão tão deslumbrante: “Isso tudo era ainda mais excelso do que tudo o que antes considerara belo e do que todas as outras potestades, tais como as estrelas no céu”. De fato! E não devemos esquecer que isso tudo, em realidade, é apenas o começo! ✨





Saúde

Quem tem boa saúde não dá atenção a ela. Uma boa saúde, que não requer nenhum cuidado especial, nos dá liberdade de ação natural. Isso nos permite tirar proveito de tudo.

Mas de tanto nos ocuparmos com um monte de coisas, acabamos nos esquecendo... da saúde.

Como a situação é diferente para quem está doente! Do mesmo modo como a saúde nos dá asas e determina nossa vida, sucede o inverso quando estamos doentes. Em primeiro lugar, somos monopolizados por nossa indisposição, pois quando os sinais e os sintomas aparecem, somos forçados a dar atenção a eles. E, se a doença for grave, resta pouco ou nenhum espaço para fazermos outra coisa, pois ela requer todas as nossas forças. Teremos de sair em busca de auxílio. Quando o doente é o próprio médico, geralmente ele se torna inteiramente impotente.

Não é de surpreender que os médicos e o mundo médico façam da doença sua matéria de estudo. A cura significa, antes de tudo, o alívio, o ver-se livre da doença. Ela sempre foi celebrada como uma vitória, pois tanto os médicos quanto os pacientes – e provavelmente também os farmacêuticos – têm sensação de ter resolvido um enigma.

Ainda que muitas das questões médicas sejam resolvidas – o que evidentemente se mostra bastante positivo –, vamos descobrir que o verdadeiro mistério não é *por que e como adoecemos*, mas antes *o que é a saúde*. A Organização Mundial da Saúde há muito tempo definiu essa palavra em termos de “ausência de doença”. Recentemente ela revisou esse conceito e fala agora de um estado de total bem-estar físico, mental e social. Contudo, ela não sustenta essa afirmação – o que é, no mínimo, algo espantoso! Assim, em nossa percepção e em nossa consciência, saúde e doença são o oposto uma da outra. Isso não nos surpreende, pois desde a Antiguidade existem duas escolas de Medicina. Uma concentra-se na doença, seus sintomas e os meios de combatê-la. A outra foca-se nas forças regenerativas inatas do ser humano e da natureza.

Na antiga Grécia, a escola que lutava contra a doença localizava-se na cidade de Knidos, em terra firme; a escola que se dedicava à auto-regene-



ração ficava no lado oposto, na ilha de Kos, tendo o célebre médico Hipócrates como guia. Hipócrates não se considerava um adversário daqueles que combatiam a doença, mas percebia o elo que faltava entre suas respectivas abordagens.

Certamente, em alguns casos é necessário combater a doença, especialmente na fase aguda, porém esse procedimento oferece apenas um equilíbrio temporário. Além disso, é importante verificar que, desse modo, não damos nenhum passo em direção à saúde. Quem aborda a doença em termos de luta vai de encontro a uma série de batalhas sem fim. Um dia, ver-se-á esgotado, pois a vitória é impossível. Hipócrates via a doença como expressão da vida tal como a conhecemos, como somos obrigados a submeter-nos a ela. A doença é o outro polo da saúde, que se apresenta como necessário, a fim de corrigir o que parece óbvio, mas que imperceptivelmente se desviou.

Então, será que devemos simplesmente aceitar tudo o que nos acontece? Devemos aguardar pacientemente uma eventual cura, esperar até que, de modo

natural, possamos “nos sentir melhor”? É esse raciocínio desesperado que coloca o homem no caminho do conflito. E, quando a situação parece melhorar, quando o equilíbrio é restabelecido temporariamente, médico e paciente sentam-se e relaxam. Contudo, eles não vêem – ou consideram como evidente – que as armas causaram danos; que o problema foi apenas deslocado, e não foi resolvido. Às vezes, é somente mais tarde que se percebe isso, e muitas vezes a relação causa e efeito não é estabelecida. Permanece a pergunta: devemos deixar de lutar, de combater a doença? Certamente que não. Em primeiro lugar, precisamos proteger o organismo dos danos permanentes, protegê-lo dos excessos – do mesmo modo como, em nosso jardim, protegemos as plantas vulneráveis de um inverno rigoroso, sem por isso tratá-las como plantinhas de estufa. Portanto, devemos combater a doença nos casos em que é necessário, e promover a saúde sempre que possível. Assim como a primavera está escondida no inverno, a flor delicada permanece alojada no botão, en-

quanto ele congela. Ela espera pacientemente, como a borboleta em seu casulo, até que seu tempo tenha chegado. Mas será que isso é realmente esperar... ou pelo contrário, uma forma de trabalhar com mais diligência? Da mesma maneira a doença parece esconder-se quando a febre predomina. Contudo, ela não está ausente: está agindo em segredo, de forma diferente, mas não com menos vigor. Estamos tão acostumados a confrontar a saúde com a doença, que isso acaba parecendo lógico. Pergunte para qualquer pessoa que, há dias, esteja fortemente gripada o que ela mais deseja! Quem dedica seu tempo a estudar a doença e a saúde imparcialmente descobre que a doença é um instrumento de vitalidade e de saúde. Ela é sempre um efeito dessa força



dinâmica e misteriosa que nos impele a um equilíbrio superior, à verdadeira harmonia.

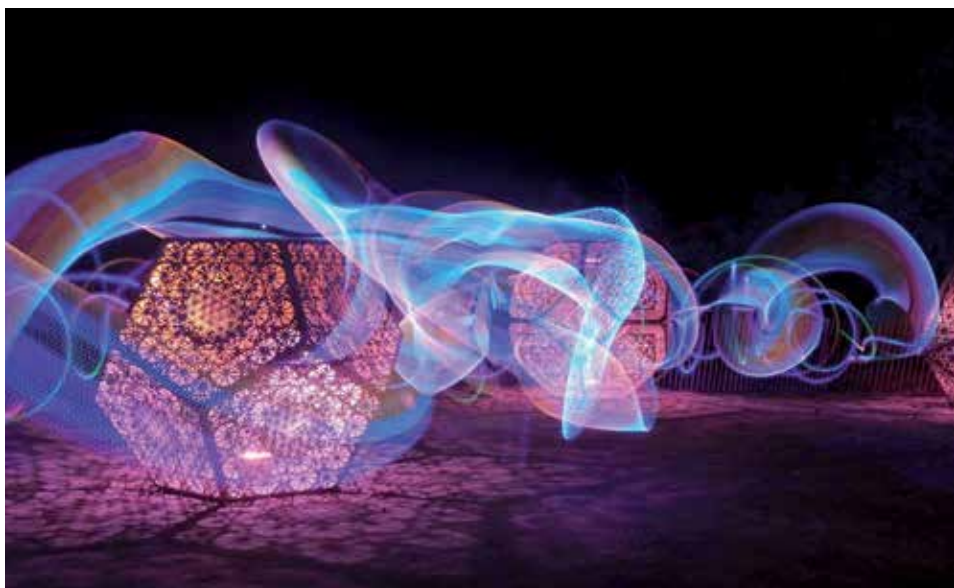
Quem consegue reconhecer isso em sua própria situação de vida reagirá de maneira diferente diante da doença. Ele ou ela compreenderá naturalmente que quem está doente não apenas sofre, mas também – o que é muito mais importante – está acompanhado.

A arte da cura, da auto-cura, não significa entregar-se ao sofrimento, aceitá-lo passivamente, mas ater-se ao “deixar-se guiar”. Esse “deixa-ser guiar” manifesta-se como uma atitude consciente – portanto, ativa, tomada como um processo que conduz à verdadeira harmonia, que não pode ser associada à passividade. Estagnação significa regressão, ao passo que a passividade está ligada à resistência. Seguir o movimento é sempre uma atividade, uma ação inteligente que se realiza com calma. Seguir o caminho de um processo como esse também exige desapego, o abandono do que é velho e a renúncia de tudo o que recebemos como bagagem genética. Isso exige de nós a clara com-

BURNING MAN-FESTIVAL (Festival do homem que está pegando fogo)

Estas são fotos de uma série de esculturas a laser de HYBYCOSO, que foram expostas no Burning Man Festival, no deserto Black Rock de Nevada (USA). HYBYCOSO (hyperspace bypass construction – construção de um caminho alternativo de hiperes-paço) é um projeto que opera na intersecção da ciência, da tecnologia e da cultura. Essas esculturas são inspiradas pelo livro *Hitchhikers Guide to the Galaxy* (Guia das pessoas que viajam de carona para as galáxias) e traduzem a paixão de conduzir a arte de instalação a um nível superior, por meio de sua concepção, sua tecnologia e sua geometria.

<http://www.kickstarter.com/projects/hybycozo-the-hyperspace-bypassconstruction-zone>



“Quem cura tem razão”, diz Paracelso, mas também: “O corpo não mente jamais”

preensão dos processos vitais que se encontram por detrás dos fenômenos, a aceitação da razão de ser da doença, que quer nos conduzir a algum lugar. Quem adoece atormenta-se seguidamente com a questão do *por quê*. Por que isso acontece comigo? Que foi que eu fiz de errado? Eu poderia agir de modo diferente? As respostas a essas perguntas se perdem na multidão de fatores provenientes de nosso passado. A razão da doença nos coloca diretamente diante de uma possibilidade: ela nos abre um caminho, o caminho da vida. Nesse caminho, a paciência é um instrumento importante. As pessoas ativas confundem seguidamente paciência com passividade. Mas, para sermos verdadeiramente pacientes, quando a vontade de agir nos causar comichão, certamente precisaremos de mais compreensão, força e perseverança.

Assim como a verdadeira cura não pode ser associada à passividade, ela não pode igualmente ser associada a uma simples luta. Muitas vezes dizemos que nossa saúde é nossa principal preocupação, e com razão, mas tão logo nos confrontamos com a doença, somos assaltados pelo medo e pegamos em armas. E justamente a Medicina ocidental moderna vem confortar esses temerosos. Em outras palavras: ela adotou o princípio do domínio total da saúde. A ideia por detrás dessa abordagem é a de que um dia tudo será resolvido, tudo será descoberto e que o homem, tal como um deus, decidirá sobre a vida e a morte.

Em compensação, vemos as contradições decorrentes dessa abordagem acumularem-se cada vez mais. O atual aumento dos conhecimentos médicos é tão rápido, que o custo das aplicações práticas pode se tornar inviável. Estar a par de tudo tornou-se impossível para um clínico geral. Aí está a razão pela qual ele é cada vez mais obrigado a seguir diretrizes e protocolos estabelecidos. É o cúmulo da ironia: por causa do acúmulo de conhecimentos, ele não pode pensar por si mesmo – e assim, fica preso às regras! Outro aspecto surpreendente: as doenças agudas, as doenças chamadas de “quentes”, são em grande parte controladas; por sua vez, as doenças crônicas chamadas de “frias” estão aumentando de forma acentuada. Atualmente, na Holanda e na Bélgica, existem mais de cinco milhões de doentes crônicos e 80% das pessoas com mais de setenta e cinco anos sofrem pelo menos de uma dessas moléstias. Portanto, não é de admirar que alguns ainda morram naturalmente de velhice. Enquanto continuarmos a ver a doença como o oposto da saúde e agirmos em conformidade com isso, enquanto a reprimirmos pura e simplesmente e a combatermos em detrimento da saúde, as doenças crônicas, isto é, “permanentes”, aumentarão.

É bastante diferente quando vemos a saúde e a doença como duas expressões de uma única e mesma força vital mais elevada, de uma só e mesma força-luz que quer iluminar nosso caminho da

vida. Enquanto ignorarmos e recusarmos suas indicações, essa força fará surgirem novos avisos, novas experiências, novas formas de doenças, a fim de testemunhar que a Luz é eterna, que o Espírito jamais nos abandona.

Compreenderemos tudo isso assim que a ideia da maleabilidade da vida moldada a nosso gosto é resultado do orgulho de uma intelectualidade corrompida. Corrompida e envenenada pelo isolamento, pela vontade de ser auto-suficiente, de poder compreender tudo sem o Espírito.

O que se esconde por detrás dessa pretensão? Só pode ser medo! Medo de perder tudo, medo de ser dependente, de já não ter controle. É nossa falta de conhecimento verdadeiro que nos impele continuamente para a direção errada. A primeira e mais importante etapa no caminho é reconhecer esse estado deplorável. Não sabemos nada de nada: estamos desesperadamente extraviados, fundamentalmente doentes. Médicos célebres como Hipócrates e Paracelso sempre afirmaram que a verdadeira cura somente é possível se aceitarmos positivamente nossa condição de doentes. Essa aceitação positiva parte de uma atitude ativa e inteligente. Trata-se de, plenos de desejo, “elevarmos os olhos para os montes”, para a re-

A ilusão

gião onde reina o Espírito vivificante, de onde vem nossa salvação.

Quando o aluno se encontra nesse estado de alma, voltado para o Espírito, então o Mestre aparece. Ele se encontra no processo de criação de sua própria maestria. Eis o sentido das palavras de Paracelso que bem conhecemos: “Quem pode ser seu próprio mestre nunca será escravo de qualquer outra pessoa”.

O lendário Hipócrates conhecia, como já dissemos, o elo que faltava na usual abordagem da saúde. Ele sabia que somente o Espírito traz a verdadeira saúde. Assim como o calor da febre, que auxilia na cura de numerosas doenças agudas, o fogo do Espírito é uma Medicina de primeira ordem. A tradição relata que Hipócrates livrou uma cidade da peste organizando fogueiras por toda parte, nas quais os mortos e seus pertences eram queimados. Ele havia descoberto que as pessoas que trabalhavam muito perto do fogo nas fundições eram sempre poupadas pela peste.

Os grandes em espírito geralmente falavam a seus alunos em forma de parábolas. Eles conheciam a grande lei de coesão sobre a qual tudo repousa. Desse modo, a alma sensível e desperta do aluno recebia o fluido da verdade, pelo qual ele era levado a explorar com maior profundidade e a buscar pela mais alta autoridade – o poder do Espírito, que conduz tudo à manifestação, que nutre, que reaviva e cura. Essa alma desperta é chamada por Kal von Eckartshausen de “homem interior”, um homem sempre jovem, nobre, o arquétipo do eu e o modelo do homem exterior. É impossível falar de modo direto sobre a força do Espírito, de seu fogo salvador e unificante. Por isso vemos bibliotecas inteiras lotadas de obras sobre a cura por meio das forças de nossa natureza terrestre, porém muito poucas sobre a cura pelas forças da natureza superior. Paracel-

so diz que a Medicina da verdadeira vida está baseada em um novo nascimento.

Essa Medicina liberta o homem do ciclo de nascimentos e mortes. A natureza terrestre não se adapta a ela e jamais constituiu seu domínio de aplicação. Assim, Paracelso conclui dizendo que a Medicina Celeste não tem espaço na Terra para poder crescer e prosperar. Somente em um corpo renovado é que seus remédios, seus meios terapêuticos, adquirem e manifestam poder e eficácia.

Em seguida, ele exorta seus ouvintes a aplicar a Medicina Celeste com maior estima e amor que a Medicina corruptível. Os textos de Paracelso deixam entrever que ele era um homem extremamente prático e determinado. “Quem cura tem razão”, era um de seus adágios favoritos; mas também este: “O corpo não mente jamais”. No que diz respeito ao último adágio, muitos pensadores que vieram mais tarde reconheceram que o sinal funcional da doença é puro reflexo lógico daquilo que nos “indispõe” – falando literalmente, daquilo que nos falta, não em nosso corpo, mas em nossa consciência. Dizemos intuitivamente: “Não estou bem”. A pessoa voltada para a natureza terrestre procura o que lhe é natural e familiar, busca a “restauração”... do antigo estado. A pessoa que está voltada para o Espírito sabe que o sintoma vem ajudá-la a encontrar uma ordem superior – a ordem da harmonia com o Espírito – e que deve renunciar à ordem antiga.

Pouco importa se essa etapa é a primeira ou a última no caminho da harmonia divina. A saúde terrestre secundada por sua assistente, a doença, tem um só objetivo: a união perfeita do corpo e da alma com o Espírito. Essa é a cura definitiva, salutar. Todo o resto constitui a grande escola de experiências em que o equilíbrio interior é mantido fragilmente, a fim de evitar uma cristalização sempre

ameaçante. Nunca estamos “em ordem”, pois não existe paz durável. Quando não refletimos sobre o sentido profundo da saúde e da doença, curar não representa mais que um sentimento de alívio sempre temporário. No caso contrário, a doença é um clamor, um chamado, mesmo que seu conteúdo real possa tão-somente ser pressentido. A saúde, como vimos, é uma noção sutil, insondável, que representa, com a doença, uma expressão da própria vida. Ela certamente não é um privilégio reservado aos jovens. O moribundo pode igualmente dela participar ou beneficiar-se desse processo de cura, e “salvar” sua vida – não segundo o corpo, mas segundo a alma imortal. Morrer está inextricavelmente ligado à nossa existência temporal; mas, em nossa interioridade imortal, a morte não tem lugar, porque, na vida da alma-espírito abandonamos tudo, de forma natural e completa, tão naturalmente como hoje respiramos.

Para manter esse pensamento em nosso coração, vejamos como conclusão como Mestre Eckhart expressou a ideia de morte: “Em nome da verdade eterna de Deus, declaro que Deus é obrigado a verter toda sua força em cada pessoa que abandonou a si mesma até o último reduto de resistência”. ★

O sacrifício das palavras



No fundo das cavernas, não há "sinal". Ainda existem alguns lugares na Terra que não são alcançados por satélites e onde o silêncio realmente reina como há séculos atrás. Por toda parte o homem é submetido às radiações que ele mesmo criou. Não é estranho que o silêncio tenha se tornado tão raro?

Tudo o que se torna raro é cobijado. Tanto que, aos poucos, o silêncio tornou-se gradualmente um objeto cada vez mais desejado. Por toda parte são oferecidos retiros espirituais, onde as pessoas têm a esperança de que as circunstâncias externas, daquele local, possam contribuir para o tão desejado silêncio da mente – ou seja, a possibilidade de se voltarem para si mesmas, para alcançarem seu verdadeiro eu e darem espaço para o divino dentro delas. Max Heindel afirma, poeticamente: “O silêncio é um fator importante para o crescimento da alma. Precisamos desenvolver dentro de nós a virtude do silêncio – e nós podemos fazer isso. Caso contrário, o crescimento de nossa alma será

mediocre. [...] Existe um método seguro que é o seguinte: permanecer firmes enquanto estivermos no turbilhão do campo de batalha do mundo e esforçar-nos para estar a serviço do divino em nós, e não apenas em busca de nosso próprio interesse. Afinal, é precisamente nas circunstâncias mais difíceis que nossa alma reúne elementos para sua construção e, ao mesmo tempo, para edificar em nosso íntimo um santuário preenchido por essa música serena que ainda ressoa na alma servidora como uma fonte de elevação e de alegria, para além de todas as vicissitudes da existência terrena”. Max Heindel prossegue: “Quando possuímos em nós a igreja viva, quando somos verdadeiros templos vivos, então, a cada momento em que nossa atenção não é so-

licitada pelas preocupações do século, podemos nos retirar nessa casa espiritual, que não é construída por nossas mãos, e repousar na harmonia que lá prevalece. Podemos fazer isso muitas vezes ao dia, a fim de restaurar a harmonia cada vez que ela for perturbada por conflitos em nosso cotidiano”.¹ Esta é uma verdade atemporal, formulada há um século: a necessidade de construirmos, no mais profundo de nós mesmos, um santuário onde possamos receber algo de mais elevado. Quando podemos realmente ficar silenciosos, temos ouro em nossas mãos. O silêncio é a porta que leva a uma dimensão superior. Esse é o mistério do silêncio, do silêncio sagrado, do silêncio criativo.

A Ogdóade e As Enéadas*

O silêncio provém de uma or-



dem superior, e essa verdade é encontrada no texto de Nag Hammadi, que fala da *Ogdóade* e *As Enéadas*. Nesse texto, hinos são cantados em silêncio, interiormente, em honra ao Único. No livreto do simpósio A Sabedoria de Hermes 2, Jean-Pierre Mahé, em sua colaboração intitulada O Hino Hermético: uma preparação para o silêncio, indaga qual seria a função desses hinos. Ele menciona “a oferenda das palavras”:

“Uma oferenda de palavras requer o florescer da alma e do espírito, o esforço direcionado de todas as faculdades espirituais que se precipitam ao encontro da transcendência divina. Durante esse esforço, o espírito se mescla a tal ponto às palavras de prece, que sua exaltação constitui a essência da oferenda: Nós Te agradecemos, com nossa alma e nosso coração totalmente voltados para Ti. Cada tentativa de louvor à transcendência divina esbarra na impossibilidade de traduzi-la em palavras. É difícil conceber uma imagem de Deus, e mesmo que alguém fosse capaz de fazer isso, ele não seria capaz de descrevê-la.”

É por isso que a palavra se sacrifica para

invocar “o inexprimível, o indizível, o inefável, que só o silêncio pode nomear”. O sacrifício da palavra atinge então o seu clímax em uma oração silenciosa. No *Discurso da Ogdóade e As Enéadas*, o exercício se realiza diante de nossos olhos, mas não conseguimos realizá-lo diretamente: precisamos passar por algumas tentativas mal-sucedidas antes de sermos capazes de “cantar um hino em silêncio”.

Além disso, Mahé diz: “equivale a chegar a um estado onde constatamos nossa incapacidade em expressar a inexprimível grandeza de Deus. Ao mesmo tempo, concordamos em nos doar, em silêncio. Esse silêncio não é uma mera ausência de ruído, mas uma oração silenciosa; não é um vazio ou perda de consciência, mas sim uma concentração do pensamento fundamentado em uma sensação muito intensa do ser, uma submersão no invisível”.

Quem quer sacrificar as palavras e praticar o verdadeiro silêncio tem ouro em suas mãos. ✪

Uma oferenda de palavras requer o florescer da alma e do espírito, o esforço direcionado de todas as faculdades espirituais.

Notas:

1. Max Heindel, *Ensinos de um iniciado*, editora Fraternidade Rosa-Cruz, São Paulo-SP, 1980
2. Livreto do simpósio A sabedoria de Hermes, Holanda 2012

* *Discurso da Ogdóade e As Enéadas* é um dos textos do Códex VI dos chamados *Manuscritos de Nag Hammadi*. Esse discurso ainda era desconhecido em 1945, quando foram descobertos os outros textos (uma oração de ação de graças e o Discurso do Perfeito)

Sobre o indizível





“É impossível traçar uma imagem da realidade eterna do Reino Imutável. No mundo dialético não existe forma, som, cor, sentimento ou qualquer ideia que sirva de comparação. Por isso, a verdade eterna não pode ser perfeitamente representada: é impossível transmiti-la boca-a-boca, e escrita alguma é capaz de descrevê-la. É absolutamente impossível, mesmo para os mais sublimes iniciados.”¹

Ao refletir sobre isso, o buscador da Verdade se indaga: estamos condenados a nos calar em relação à verdade eterna ou devemos, mesmo confusos, continuar falando a respeito disso? Em outras palavras: para compartilhar o que nos toca nas profundezas de nosso ser, é melhor ficar em silêncio ou falar sobre o assunto?

O falar e o calar se relacionam de forma complexa e paradoxal. O silêncio expressivo entre duas pessoas denota um acordo mútuo entre elas; mas, quando falam, já não se entendem mais! Paradoxalmente, tanto a linguagem profana quanto a sagrada apresentam milhares de poemas líricos dedicados ao silêncio. Inúmeros textos de várias tradições também enaltecem a arte de calar com milhares de palavras.

Toda a água do mar dentro de um buraquinho na areia

Quem encontra a Luz sente necessidade irresistível de falar sobre sua experiência. Comenta sobre o assunto com reserva, empregando palavras adequadas, criando um grande mistério. Ou utiliza palavras rebuscadas, como se tivesse contato direto com a própria divindade! Seja como for, os buscadores da Verdade não conseguem deixar de falar e escrever. “O mensageiro tenta oferecer ao mundo o oceano inteiro dentro de uma garrafa”.² Com essas palavras, Inayat Khan exprime a impossibilidade dessa missão. Como Agostinho, em seu sonho: “Meditando sobre o mistério da Trindade, Santo Agostinho caminhava à beira-mar quando encontrou uma criança com uma colher (ou uma concha) nas mãos, que lhe disse que desejava transferir toda a água do mar para um buraquinho cavado na areia da praia. O santo espantou-se com tamanha impossibilidade; e a criança, que revelou ser um Anjo (ou, segundo outra versão, o próprio Jesus Menino), retrucou antes de desaparecer: ‘Isso seria mais fácil pra mim do que sua tentativa de explorar, apenas com os recursos de sua razão humana, as profundezas do mistério da Trindade’”.⁷

E O E O E O E O
 L L L L L L L L
 O I O I O I O I
 P G P G P G P G
 O O O O O O O O
 G P G P G P G P
 I O I O I O I O
 L L L L L L L L
 O E O E O E O E

Ba1
 AA- CCC
 Baa3 BBB+
 D Aa1
 CCC- Ba2 B+ Aa3 A+
 C A- B3
 A3
 Ba3
 A1
 B2

Todos que tentam falar da essência das coisas se chocam com a miséria das palavras, usam expressões inadequadas ou transmitem uma linguagem de difícil compreensão. Ou seja: quanto mais palavras usamos, menos elas dizem!

Será que nossas palavras batem em vão na porta do indizível? Teremos esperança de resposta às nossas questões existenciais? Ainda há espaço para o Outro na morada da linguagem? Ou será que a Linguagem Sagrada, tida como fermento das coisas essenciais, é tão plena dessa essência que nos permite, em qualquer circunstância, vivenciar “Aquilo (o indizível)”, nos espaços vazios das entrelinhas? Catharose de Petri escreveu a esse respeito: “A Palavra perdida vai além do método, além da Santa Escritura, além da concepção filosófica”.³ Isso evidencia, mais uma vez, que somos cegos, incapazes de compreender quando é escrito: “Lê, mas o que lês não existe”.⁴

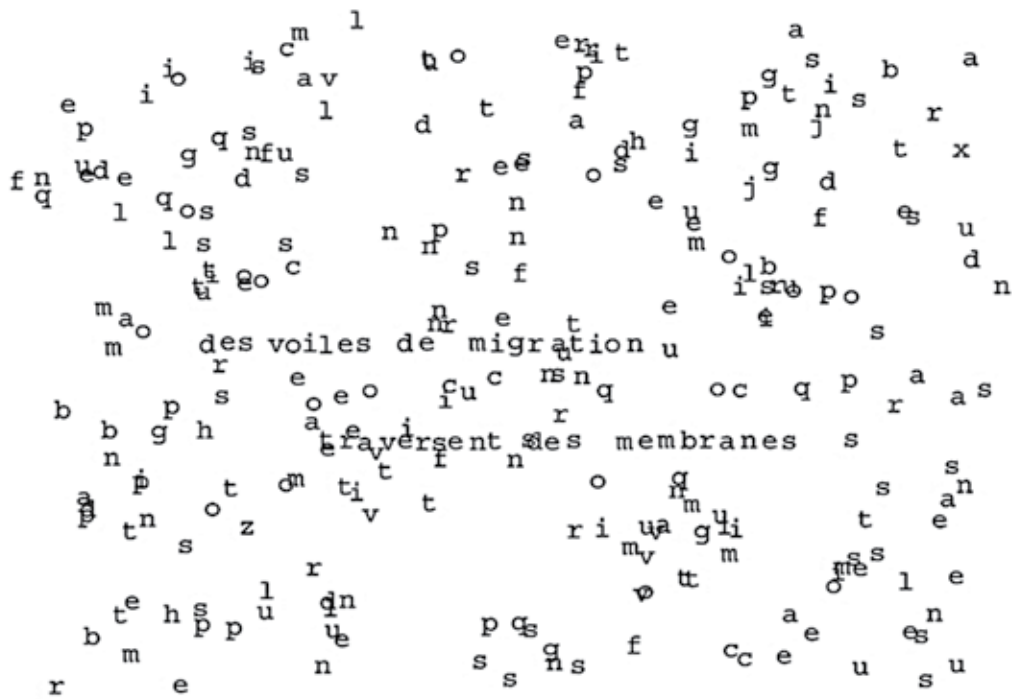
Ou, ao contrário, assim veríamos muito mais do que está escrito? Discorrer sobre o que É seria sempre inadequado e pretencioso, como o *Eclesiastes* afirma sem reservas? Se contradíssemos essa afirmação, então como as palavras se tornam chaves?

Emily Dickinson constata de maneira realista: “Para cada ideia eu encontrava as palavras; sempre as encontrei, menos Uma”.⁶ Então ela conhecia o único pensamento para o qual sua linguagem não tinha palavras, mas que, no entanto, ela reconhecia interiormente, *avant la lettre* (antes mesmo do termo)? É possível um pensamento sem palavras? Somos capazes de pensar sem linguagem? Por outro lado: o Espírito pode se expressar não literalmente por meio da letra morta, como sugestão intuitiva de uma percepção, de uma vivência ou de uma lembrança do divino? É possível usar a linguagem para irmos além das palavras? Ou existiria outra linguagem para exprimir o indizível – uma Linguagem Original, feita de silêncio e não dotada de palavras, que ressoa antes e depois, acima e abaixo, nas entrelinhas e além das palavras? E como poderíamos aprender a pronunciá-la? Poderíamos já conhecê-la e simplesmente tê-la esquecido? A “palavra esquecida é um estado de ser”, como diz Jan van Rijckenborgh.⁷ Deveríamos simplesmente nos lembrar dessa nossa verdadeira língua materna, falada na Pátria original?

Mestre Eckhart, que procurava manter silêncio em relação a Deus, não cessou de multiplicar seus escritos! Lao-Tsé dedica nada menos que 81 capítulos ao *Tao*, dizendo desde o início que não podemos expressá-lo! E como escreve o poeta Rilke: “Acredito em tudo o que ainda não foi dito até o momento”.⁵ Em aparente contradição, em todos os tempos e épocas, a humanidade usou a linguagem para abordar o sagrado e defini-lo, de forma corajosa e inabalável, seguindo seu desejo mais profundo de buscar a verdadeira Palavra de Deus, o Verbo Divino. O homem não consegue fazer de outra forma: quer revelar aquilo que está mais próximo do que mãos e pés e que, no entanto, não é desse mundo!

A escada

Por mais estreita que seja a



linha que separa uma língua morta da Língua Viva e, por mais que, ao tentar manifestá-la, a perdemos e destruímos, se não conseguimos exprimir tudo, não podemos nos calar. O ser humano é um “criador de significado” que deseja traduzir e expressar o indizível por meio de sua linguagem, como a alvíssima Luz invisível que se divide e se propaga em cores visíveis através de um prisma. Se tudo vai bem, as palavras se tornam pontes para os seres temporais e transitórios poderem se reconectar à eternidade, sem medo de afundar ou se afogar. Sem elas, ao entrarmos na senda espiritual em silêncio, sem palavras, sem indicadores ou bússola, há o risco de nos perdermos no caminho! Falando com poucas ou muitas palavras, sempre estaremos no fio da navalha! Mas elas serão sempre pedras fundamentais, bússolas e indicadores. No fim, seremos sempre obrigados a empurrar a escada feita de palavras. Com ela, tentamos subir para retornar ao estado anterior à Criação – rumo ao “Sem Palavra” e “Sem Nome”. Palavras e cores fundem-se para se unir à luz branca invisível!

“A verdade eterna jamais poderá ser

expressa com perfeição em palavras. Ela não pode ser transmitida de boca-a-boca. Nenhum tipo de escrita é capaz de representá-la. Isso é completamente impossível, mesmo para o mais eminente dos sábios. Existe uma única possibilidade: a de o homem encontrar sozinho as respostas às suas questões existenciais sufocantes e urgentes no santuário de seu próprio coração, nas profundezas interiores do toque divino, quando a ilusão de seu eu é aniquilada.”¹ Depois de todas as tentativas pretenciosas e vãs para pronunciar o Verbo Divino, aprendemos, aos poucos ou de repente, que nossa vontade de falar precisa desaparecer e dar espaço à Vontade Dele, que quer falar. É aí – no interior de nosso eu, através e além dele – que a Palavra de Deus é pronunciada em todas as línguas: a do calar e do falar, a do vazio e da plenitude, a do fazer e a do não fazer. É aí que o des-Unido finalmente se re-Une. E irradia com plenitude. Afinal, não pode ser de outro modo. Na verdade, Deus nunca se cala: Ele sempre está falando. ☼

Fontes:

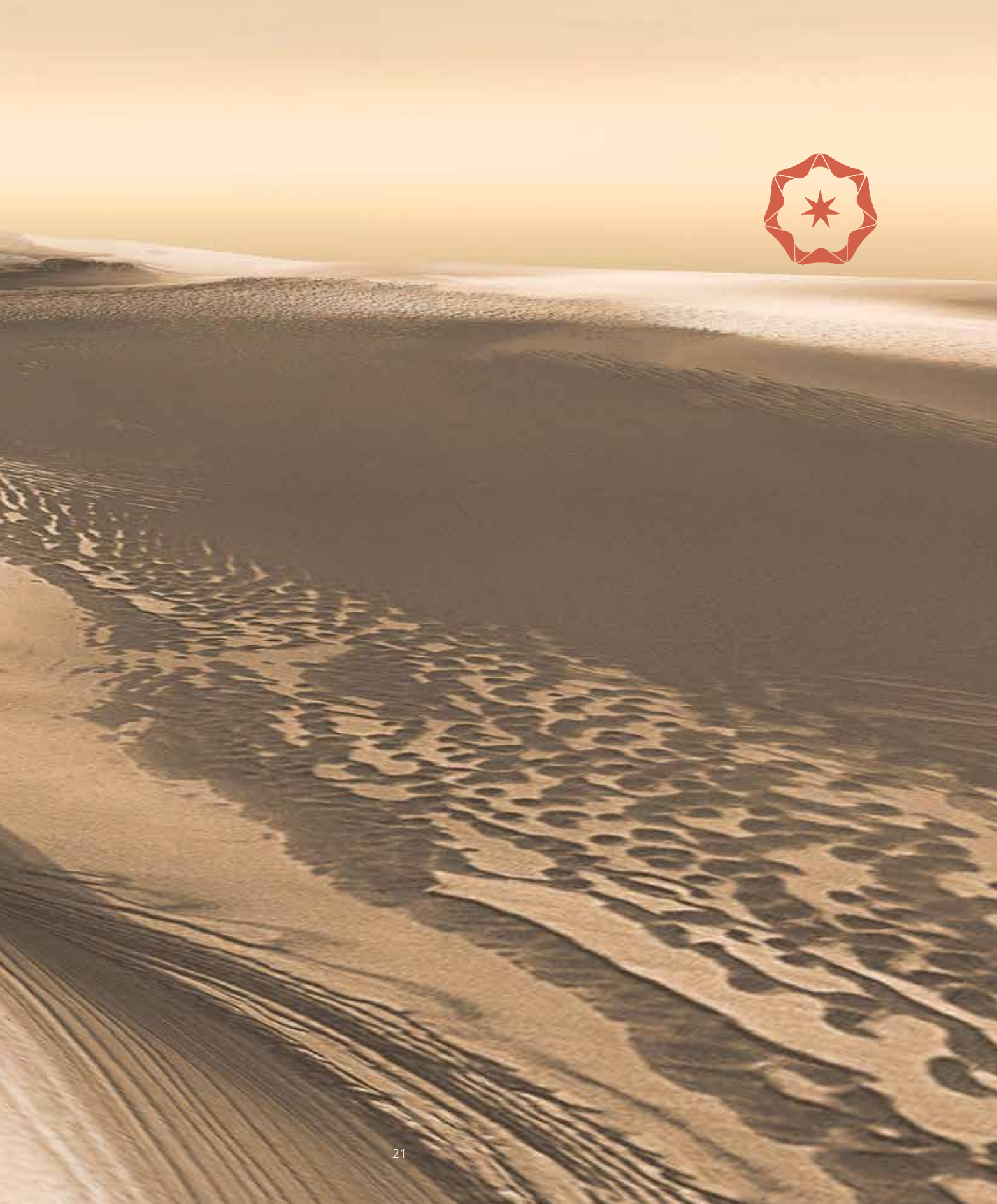
1. Catharose de Petri, *O verbo vivente*, cap. 34
2. H.J. Witteveen, *Tot het Ene* (Rumo ao Uno), Deventer, 2006
3. J. Van Rijckenborgh – Catharose de Petri, *A Fraternidade de Shamballa*, cap. 2
4. Martinus Nijhof, Awater, www.nbln.org
5. Rainer Maria Rilke diz o mesmo: "Vejo muita beleza em tudo aquilo que está começando" – *Cartas a um jovem poeta*, carta VI
6. Emily Elizabeth Dickinson (1830 -1886), autora de inúmeras obras, foi considerada postumamente uma das maiores poetisas americanas
7. Henri-Irénée Marrou, em Santo Agostinho e o anjo – *Uma lenda medieval*, Publicações da Escola francesa de Roma

A ilusão



Duas palestras de um simpósio realizado pela Fundação Rosacruz em 2014 em Bruges, na Bélgica, e Groningen, na Holanda, tinham como título: Como ainda é possível uma Terra estável e “sagrada”? Os palestrantes aprofundaram-se nas seguintes questões: Como podemos mudar nosso comportamento de modo consciente para vivenciar e vivificar um planeta perene, uma Terra “sagrada”? Como acontece nossa entrega ao nosso ser mais profundo e a uma ordem cósmica pura?

COMO O OURO, A PRATA E O DINHEIRO DETURPAM OS VALORES ESSENCIAIS E NÃO TRABALHAM PARA O HOMEM, MAS SIM CONTRA ELE.



A ILUSÃO



DINHEIRO, ARCONTES E ÉONS

Não há exemplo melhor para ilustrar o profundo conhecimento dos antigos gnósticos sobre a interrelação entre as energias e poderes dominantes no mundo do que o sistema de nossa administração financeira e sua essência. Em diversos simpósios da Fundação Rosa-Cruz (na Holanda) essas relações evidentes foram apresentadas por Ad Broere.

AD BROERE

A ilusão da humanidade

O

O atual sistema financeiro atua em benefício de poucos. Para a maioria das pessoas ele é um enorme impedimento para uma existência digna. A partir daí, surge uma questão lógica: por que existe um sistema financeiro que atua de forma impeditiva sobre as pessoas, ao invés de favorecer a prosperidade de todos? Em primeiro lugar, a resposta a essa questão poderia estar na época da origem desse sistema financeiro que vigora ainda hoje. Foi nos séculos XII e XIII: portanto, na época dos reis e da nobreza. Eles tomavam dinheiro emprestado dos bancos para financiar suas guerras insaciáveis e seus estilos de vida extravagantes. Para esse dinheiro, quase sempre era estabelecida uma taxa de juros elevada. Então, o povo era instituído como fiador para arcar com esses compromissos, pois estes eram pagos com os impostos infligidos a ele.

Muitas vezes o banqueiro e aquele que estabelecia impostos eram a mesma pessoa. Assim, os soberanos e seus seguidores sempre dispunham de recursos vultosos sem ter de se ocupar com dificuldades para a provisão do dinheiro. O trabalho sujo cabia aos banqueiros; e estes eram recompensados generosamente com a re-

ceita dos impostos, cobrados diretamente do povo.

Elite de banqueiros

No período inicial do negócio bancário algumas famílias conseguiram construir fortunas fabulosas. Os detentores do poder não se interessavam em saber como isso acontecia. Também não se interessavam por saber que o dinheiro emprestado tinha um lastro em ouro e prata apenas em parte. O estabelecimento bancário havia nascido e seu proeminente fundador, Mayer Amschel Bauer, que mudou o nome de família para Rothschild, cunhou a conhecida afirmação: “Dê-me o poder sobre o dinheiro de uma nação e me será indiferente quem faz as suas leis”. Como os reis e a aristocracia não estavam em condição de amortizar a montanha da dívida que crescia cada vez mais, a carga de juros aumentava. Com isso, os soberanos ficavam cada vez mais à mercê dos banqueiros que, por trás dos bastidores, obtinham influência crescente sobre o Estado. Chegavam a ter tanto poder e influência que a mãe dos cinco Rothschild afirmou: “Nenhuma guerra é levada a efeito se não corresponder à vontade e aos interesses dos meus filhos”. Nos séculos

XIII e XIV, essa família controlava totalmente as finanças da Europa. Da primeira geração de banqueiros surgiu uma elite até mesmo literalmente, porque vários entre eles foram elevados à nobreza. A influência dessa elite de banqueiros perdura até os dias de hoje, ainda que invisível, pois é exercida por trás dos bastidores, apesar de todas as tentativas de reforma e nacionalização dos bancos centrais.*

Um jarro no Egito

Como é possível que, proporcionalmente, poucos indivíduos consigam exercer tanta influência sobre quase todas as pessoas do mundo inteiro? Para obter uma resposta para essa indagação é preciso retroceder bastante no tempo, até o século IV. Nessa época, a igreja romana assentou definitivamente o seu poder. Pessoas de opiniões divergentes eram perseguidas e assassinadas; textos e testamentos que não

agradavam à igreja de Roma eram proibidos. Naquele tempo, ficou firmemente consolidado nas pessoas o dogma de que a ligação entre o homem e Deus só podia ocorrer através da igreja romana e de seus clérigos. Se em 1945, em Nag Hammadi (Egito), um lavrador, ao cavar a terra de um antigo cemitério, não tivesse encontrado por acaso um enorme jarro de pedra, provavelmente não saberíamos muita coisa sobre a existência dos textos que informam à humanidade que trazemos em nós uma faculdade através da qual podemos ficar livres e independentes de toda autoridade. Em 1975, o lavrador Muhammad contou sua história ao professor Quispel que, nessa época, era docente na Universidade de Utrecht:

Em dezembro de 1945 encontrei um jarro na montanha Hamra Dun. Às 6 horas da manhã, ao começar o trabalho, encontrei esse vaso. E eu tinha a impressão de que havia algo ali dentro. Então guardei-o. E como nessa manhã fazia frio, decidi deixá-lo ali e buscá-lo mais tarde para verificar o que havia dentro. O fato é que no mesmo dia voltei e quebrei o jarro. Mas primeiro tive certo medo, pois talvez pudesse haver um djin, um espírito mau no jarro. Eu estava sozinho quando o quebrei. Bem que eu queria que meus amigos estivessem comigo! Quando o quebrei, descobri que havia livros com histórias no jarro. Decidi procurar meus amigos e contar-lhes. Nós éramos sete e logo percebemos que aquilo tinha a ver com os cristãos. E concluí que não ganhávamos nada com aquilo — para nós não tinha valor. Então, levei tudo para um dirigente espiritual e ele disse que, realmente, não podíamos fazer nada com aquilo. Para nós, eram simples trastes. Então levei o jarro para casa. Alguns livros foram queimados, outros eu tentei vender.

Arcontes

Quando começaram a ser editados aos poucos no mundo ocidental, os manuscritos causaram grande sensação entre os

estudiosos. Tratava-se de manuscritos com antigos textos perdidos do século I d.C. conforme ficou provado. Em 1977, surgiu uma tradução completa para o inglês de 52 textos. Depois, em 1988, veio uma publicação melhorada, conhecida como *Nag Hammadi Library* (Biblioteca de Nag Hammadi), que pode ser encontrada na Internet.

Em vários desses manuscritos fala-se de “arcontes”. A palavra “arconte” é derivada de *archontoi* que, em Grego, significa “o soberano”, “os soberanos”. Os arcontes desejam manter a humanidade na escravidão. A esse respeito pode-se consultar o *Evangelho de Filipe* e o *Livro Secreto de João*. Ambos os manuscritos fazem parte dos textos encontrados em Nag Hammadi. Seguem-se dois fragmentos dos textos de Nag Hammadi: *Evangelho de Filipe* (13-14)

Os arcontes queriam enganar o homem porque viram que ele tinha um parentesco com o Verdadeiro Bem fundado na Verdade. E eles tomaram o nome do Bem e atribuíram a ele o Não-Bem para enganar os homens mediante nomes que eles ligaram ao Não-Bem. Ora, os arcontes tentaram apanhar o homem livre e torná-lo seu escravo para sempre. Existem forças que desencaminham o homem dessa maneira porque não querem que ele seja salvo. Somente assim eles podem conseguir que ele continue escravo.

O Livro Secreto de João (27)

E os anjos tomaram a aparência dos esposos das mulheres e impregnaram as filhas dos homens com o espírito das trevas que estava imiscuído com o mal. Eles levavam ouro, prata e presentes e também cobre, ferro e toda espécie de coisas. E assim ligaram o homem a eles e lhe trouxeram grandes dificuldades ao enganá-lo e conduzi-lo por caminhos equivocados.

Desde então os homens passaram a envelhecer sem alegria e a morrer sem encontrar a Verdade e o Deus da Verdade.

Assim, toda a criação foi escravizada de éon a éon,



Os arcontes tomaram o nome do Bem e atribuíram a ele o Não-Bem



desde o princípio do mundo até hoje.

Esses exemplos mostram que os arcontes mantêm a humanidade aprisionada porque o homem é aparentado com “o Verdadeiro Bem”.

Isso aponta para o “radiante Self” oculto no coração, que é menor do que um grão de arroz ou que uma semente de mostarda, como consta nos *Upanishads*. Os arcontes querem impedir que o homem seja acolhido nesse “Self oculto na cavidade do coração, ele é “Brahma”. Em outro texto encontrado em Nag Hammadi, *A verdade sobre os arcontes*, o dirigente dos arcontes (uma entidade que se colocou entre o homem e Deus), cegado pelo poder e pela ignorância, afirma a respeito de si mesmo: “Só eu sou Deus e ninguém mais”. Para garantir seu poderio, ele não pôde fazer outra coisa senão impedir os homens de restabelecer seu vínculo com o Deus da Verdade.

Polarização e distribuição

Esse poder é mantido quando o homem é enganado e conduzido a caminhos equivocados – portanto, permanecendo na escravidão.

Ouro e prata – ou, dito de outra forma, dinheiro – são armas usadas com esse objetivo contra o ser humano. Mamon (o demônio do dinheiro) deturpou completamente no homem o entendimento

do que realmente tem valor. Quase todos acreditam que dinheiro é o ponto de referência e não o valor dos bens criados e da prestação de serviços. Poucas pessoas se perguntam por que têm de pagar juros por dinheiro emprestado – afinal, a maioria acha que o dinheiro tem papel central e é importante possuí-lo. Não é à toa que as religiões universais rejeitam os juros, pois com eles, com o passar do tempo, a maioria das pessoas empobrece, enquanto apenas um pequeno número enriquece. Juntas, as 85 pessoas mais ricas do mundo são proprietárias de mais da metade de tudo o que existe para se possuir do ponto de vista material, enquanto 80% da humanidade não possui praticamente nada. Ora, não se trata de pensar se as pessoas podem ou não ter riquezas, mas a questão é que muitos sofrem em estado de carência indigno para uma existência humana. A carência e preocupações materiais cegam o radiante Self tanto quanto a extrema riqueza. Assim, o ser humano envelhece sem alegria e morre sem conhecer o Deus da Verdade. No sistema financeiro está oculto um mecanismo de distribuição extremamente sutil que contribui para uma crescente polarização na sociedade. Isso faz que, por um lado, muitas pessoas se achem no atoleiro da pobreza e, por outro, poucas pessoas acumulem imensa riqueza. No entanto,

estas últimas, muitas vezes, descobrem que isso não lhes trouxe a esperada felicidade e liberdade. Por meio desse mecanismo de distribuição, no decorrer do tempo, desaparece o grupo do meio e restam, sobretudo, os dois extremos: pobreza e riqueza. Mediante suas imensas posses alguns passaram a ostentar um poder igualmente grande, e assim – consciente ou inconscientemente – tornaram-se instrumentos para a realização do plano dos arcontes de manter a humanidade na escravidão. A professora alemã Margrit Kennedy estudou o mecanismo de distribuição embutido no sistema financeiro. Ele faz que, em uma conjuntura, recursos sejam concentrados de forma crescente nas mãos de um pequeno grupo de pessoas. Ela também afirma que a distribuição continua por meio de juros. Estes, nós pagamos não apenas pelo dinheiro que tomamos emprestado, mas também pelos produtos e serviços que compramos. “Em média, estão

De Trouw, carta do leitor, 26 de maio de 2015:

BANCOS

Com quem discutimos a respeito de bancos? Em casa, com minha filhinha de cinco anos, isso ficou claro para mim! “Papai, o que é sistema financeiro?” perguntou ela. Eu precisava responder de modo compreensível. Ela já havia entendido o que é um “sistema viário”: carros vão de um lugar para outro pelas ruas. Mas o que responder à sua pergunta: “A quem pertencem as ruas?” “A nós todos.” Então me caiu a ficha... No sistema financeiro o dinheiro flui de um lado para outro. O sistema de transporte necessário para isso não precisa estar nas mãos dos bancos. Se o sistema financeiro pertencesse a nós todos, poderíamos organizá-lo do modo como fazemos com o sistema viário. Então todos nós pagaríamos por sua construção e manutenção.

N. A. Offenbreg, da cidade de Leeuwarden, Holanda

contidos cerca de 40% de impostos em tudo o que compramos”, afirma Margrit Kennedy em seu estudo.

Aqueles que têm recursos podem fazer o dinheiro “trabalhar para eles”. Isso em detrimento daqueles que trabalham para o dinheiro. E o grupo que pode se permitir isso é relativamente pequeno. Posse e poder estão acoplados um ao outro. Com a “invenção” do sistema financeiro inspirado por Mamon, também foi possível deturpar completamente os conceitos “dinheiro” e “valor”. Dinheiro é um ponto de referência. Quando ele existe, podemos negociar; quando não existe, instala-se uma crise. Quando, ao contrário, podemos tirar dinheiro do nada, estamos com a palavra.

Em consequência da evolução digital, atualmente são os bancos comerciais que transformam quase todo o dinheiro em circulação em dinheiro contabilizado – o que quer dizer simplesmente que o dinheiro só existe no computador. Esse dinheiro digital surge quando uma empresa ou uma pessoa em particular contrai uma dívida (atenção para esse termo...). Em outras palavras: quase todo o dinheiro vem à existência através de dívidas. Mas, enfim, dívidas para quem? Ora, um segundo antes de um cliente assinar o contrato, esse dinheiro nem existia! Por isso, é muito estranho que, por esse dinheiro

que não pertence a ninguém, sejam exigidos juros. A partir dessa percepção e também com o mecanismo de distribuição, só se pode concluir que nosso sistema financeiro não foi desenvolvido em razão de um pensamento humanitário, mas dentro de um plano destrutivo para a humanidade. Os arquitetos desse plano usam os bancos como instrumentos para atingir seu objetivo, que é manter toda a criação escrava de éon a éon – portanto, manter a humanidade longe da reunificação com o “Verdadeiro Bem” e tendo como base a Verdade.

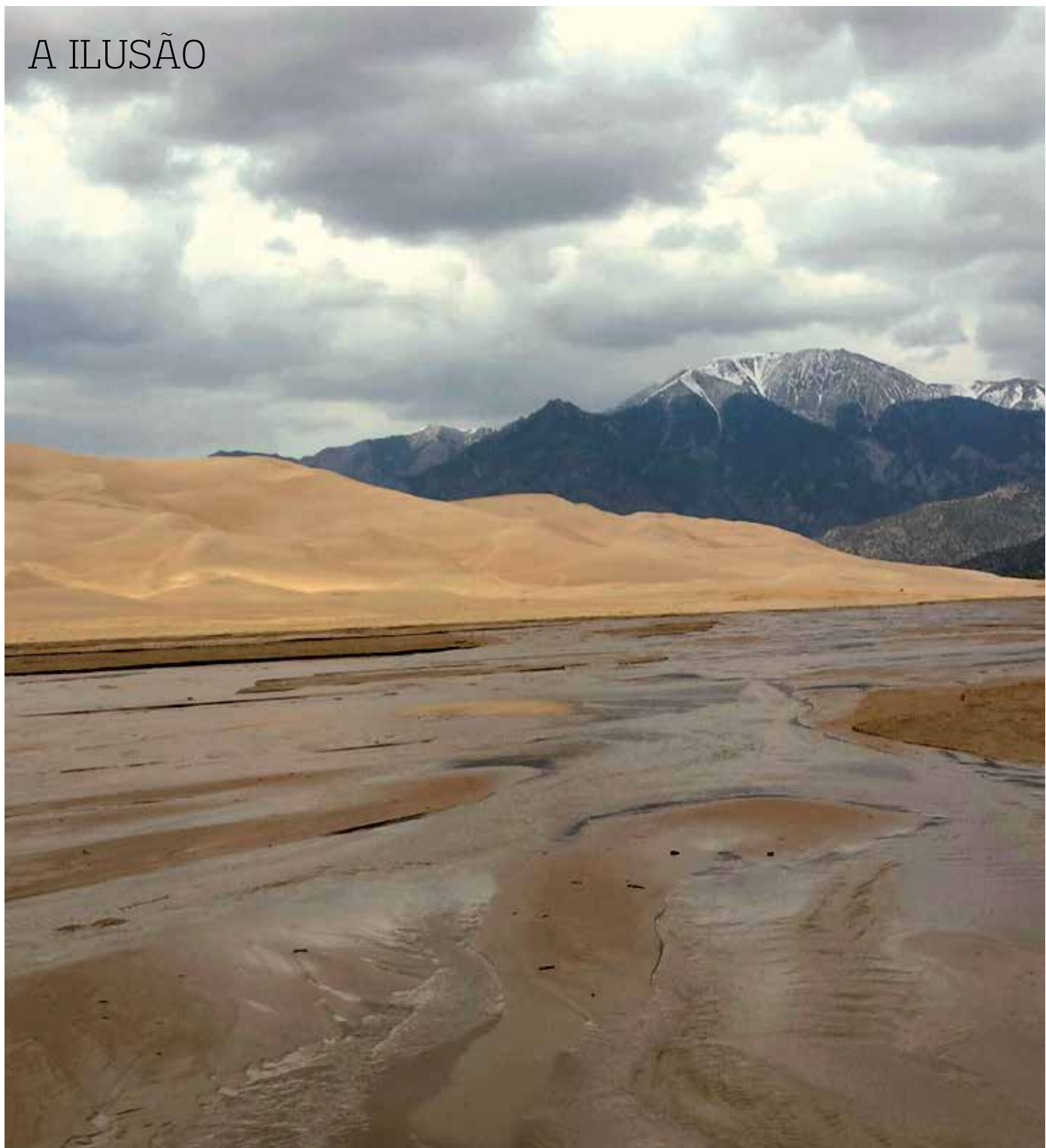
O homem é ponto de referência

A Verdade é bem diferente daquilo que nos contam. Não é o dinheiro, mas sim o próprio homem que é o ponto de referência. Os bens produzidos e serviços prestados são valiosos. O dinheiro não tem valor em si. Se ficasse claro que temos a possibilidade de colocar o homem no centro do intercâmbio econômico, deslocando o dinheiro para o papel secundário que lhe cabe, os arcontes já não conseguiriam exercer pressão sobre nós dessa forma. Então, teríamos uma economia livre de juros, sem o mecanismo de distribuição, no qual já não lidaríamos com o dinheiro como se ele fosse um produto. Consequentemente, as

pessoas conseguiriam uma existência mais digna. Poderíamos envelhecer com alegria e com uma abertura cada vez maior para o Deus da Verdade. ✪

*Ad Broere escreve mais a esse respeito em *Geld komt uit Niets* (O dinheiro vem do nada), em Humane Economy Publishing, 2012

A ILUSÃO



Uma terra perene... será que ainda é possível?

FRANS SPAKMAN

Em todos os seres humanos, em cada alma, existe a inclinação para expressar-se no mundo, uma necessidade de exteriorizar seu potencial de vida

Essa tendência deixa-se condicionar e manipular facilmente pela sociedade, que encoraja a luta pela existência e a competição, com o objetivo de suplantar o concorrente ou o adversário. Uma carta do jogo RISK sugere claramente: “Destrua os exércitos inimigos!”

Frequentemente a alma atrela o “eu” à sua carroça. O eu, que sempre quer se dar mais valor, faz nascer o conflito pelo desejo de se manter por meio de confrontos, para comparar-se aos outros e suplantá-los. Essa tendência culmina em uma pulsão destruidora. Tudo isso vem acompanhado de atritos e tensões, pois somente um pode ser o melhor – e obrigatoriamente em detrimento dos outros. Quando essas expressões vitais se limitam aos esportes, aos jogos e às artes, onde a competição se mantém ainda sob o signo da criatividade e da competição, podemos dizer que se trata de um mal menor.

Mesmo quando tudo está geralmente a serviço do lucro e de grandes salários, não há enumeração de vítimas, a não ser às vezes, de modo indireto.

A criatividade é uma qualidade eminentemente humana, pelo menos em potencial. Quanto a isso, pouco antes da Segunda

Guerra mundial, o célebre historiador holandês Johan Huizinga apresentou o conceito de *Homo ludens* (o homem lúdico). Esse conceito alcançou amplitude internacional e, nestes últimos anos, ele está de volta ao palco com a tomada de consciência de que o ser humano é um *player*, um jogador, um ator, possuidor de uma criatividade que lhe é inerente. Desse modo, o mundo, o planeta, a criação, seriam caixas de brinquedo feitas exatamente na medida daquilo que é humano – nosso ambiente psicológico de jogo e atuação.

O gato brinca com o rato até que ele morra de exaustão, mas fica desapontado quando o vê inanimado, sem poder continuar a participar do jogo. Quando sentimos prazer em brincar de gato e rato com alguém, ultrapassamos a medida e saímos de nosso ambiente de jogo. É o que se passa, em escala, no planeta, que se transformou em nosso “espaço lúdico” de gato e rato, pois não levamos em consideração a própria natureza dos materiais que estão em jogo. Nossa brincadeira é destrutiva. Podemos até dizer que a ideia de “comunidade da vida” transformou-se na ideia de “comunidade da morte”.

A cada ano, quinhentos milhões de ani-

mais são abatidos – ou seja, um número igual ao dos habitantes da União Europeia. Vamos chegar até a suprimir as florestas tropicais para aumentar ainda mais o rebanho. Queremos ser os açougueiros e os leiteiros do mundo! Esgotamos os mares e aquecemos o clima com os gases do efeito estufa, que são produzidos principalmente pelos pecuaristas, cuja indústria consome a metade das reservas

mundiais de trigo. Todas essas empresas comerciais têm um efeito destruidor sobre a vida planetária – mais ainda porque, em nossa cegueira, queremos todos nos beneficiar de dividendos elevados, encorajando-os a manter nossa posição de líderes de mercado. A Terra é o único planeta que nos mantém vivos e estamos cegos com relação à nossa conduta assassina.

Na realidade, não estamos agindo somente pela necessidade de sermos criativos. Além disso, mesmo quando a alma não atrela o “eu” diante da carroça, mesmo quando ela busca ser criativa sem precisar lutar, nada garante que poderemos alcançar um nível de durabilidade. Como



diz Buda, isso acontece porque a vida humana é *dukkha*. Uma característica do romantismo é considerar a vida humana como um atrito, um sofrimento. Mas esse ponto de vista não traduz objetivamente o termo *dukkha*. Essa palavra está relacionada à fricção, à resistência da roda de uma charrete. A resistência suscitada pela fricção provoca sempre uma perda de energia.



É importante termos a menor perda possível de energia e, portanto, é preciso fazer economia. Quanto mais trabalharmos de modo econômico, mais agiremos duravelmente. Pensemos no conceito de lucro, de juros. O lucro é como um atrito, um engate que não é permanente: no sistema econômico e financeiro, esse mecanismo é chamado de “usura” (que significa desgaste) por aqueles que tomaram consciência de seu caráter abusivo. O ideal seria que se produzisse somente um movimento útil sem atrito, sem fricção, como acontece no *perpetuum mobile* (perpétuo movimento). Se não existisse desgaste, não existiria resistência nem sofrimento: essa seria a dinâmica mais duradoura.

Alguns acreditam que somente a imobilidade perfeita, o completo repouso ou o silêncio entendido como ausência de todo e qualquer impulso poderiam ser considerados como “perenes” pelo fato de que eles não produzem desgaste. Como é grande a necessidade de um silêncio perfeito como esse! Pensemos nas incontáveis pessoas que desejam reduzir o movimento de seus pensamentos ao mínimo, sabendo o quanto eles são opressivos e hipnóticos, sem ignorar que uma meditação motivada por pensamentos pessoais não é capaz de levar ninguém ao silêncio.

Em certos ordens orientais, a vontade de alcançar o estado de silêncio é levada a um tal ponto que chega-se até a suprimir toda e qualquer dinâmica física. Os monges deixam-se emparedar em cavernas do Himaláia onde permanecem certo tempo em uma espécie de coma sem que sua consciência se desligue completamente. Dizem até que alguns desses monges meditadores se deixam emparedar por séculos até o dia em que serão “despertados” com a finalidade de cumprir alguma missão em prol do gênero humano.

Vida é
movimento
e movimento
é atrito.
Esse atrito
é a “dor da
humanidade”
.....

A sustentabilidade consiste no fato de cuidarmos para que nada bloqueie ou impeça a ação dos ciclos, das transições e das transformações de energia

É algo naturalmente interessante se considerarmos o Nirvana como a “extinção” de todos os desejos, como um caminho de automortificação, pois essa atitude não-dinâmica beneficia o meio ambiente e a Terra.

Mas, sejamos realistas: todo o sistema solar, com seus planetas em órbita e seus satélites, tem uma dinâmica própria – cuja programação pode durar milhões de anos. Apesar de algumas variações, o movimento é constante, assim como o demonstrou o astrônomo Kepler.

Pensemos também no fato de que cada planeta parece possuir uma tonalidade própria, uma vibração específica. A vida é movimento, e Buda concorda com isso, mas todo movimento que resiste, freia e desgasta representa para a vida humana o que o romantismo chama de “a dor do gênero humano”.

A questão que se apresenta agora é de saber se é possível haver uma vida humana sem sofrimento, se podemos viver sem causar sofrimento a nós mesmos. Em outras palavras: seria conveniente nos indagarmos se nossa própria vida não está freando a grande roda cósmica.

Do ponto de vista cósmico, deveríamos poder ressoar em sintonia com a tonalidade fundamental da Terra apenas nos abstendo de agir com violência, sem fazer que o planeta e seu contexto natural tivessem de pagar juros exorbitantes de nossas necessidades ilimitadas, de nossos hábitos infelizes, de nossos desperdícios imprudentes e dos sistemas que colocamos em seu lugar, causando desgastes

irremediáveis.

Para conseguir isso – ressoar em sintonia com a tonalidade fundamental da Terra – temos à nossa disposição uma grande Lei: a Lei do Amor que inclui tudo e todos, o amor que envolve tudo, que tudo oferece.

Essa Lei do Amor encontra-se praticamente em todas as culturas, religiões e códigos de conduta. No entanto, do ponto de vista da economia, essa Lei não nos permite subsistir nem colocar comida na mesa: essa Lei não nos traz nenhuma ajuda financeira. Ninguém poderá se contentar com amor e água pura.

Convenhamos que, tanto para nós quanto para nossos descendentes, não é nada rentável limitar-se ao que nos é dado – a tal ponto que podemos nos questionar se essa Lei tem algo a ver com a vida material prática. Realmente: poderíamos ficar sossegados, repousando sobre nosso dom absoluto e tudo doar, mas então poderíamos fazer isso somente uma vez.

Em nosso mundo, as estruturas de poder e dinheiro são construídas de tal modo que favorecem os ricos e fazem os pobres ficarem mais pobres ainda. Esse é o resultado da corrupção que é causada pelo modo de vida que adotamos, de acordo com uma série de necessidades nascidas de conceitos ideológicos egocêntricos considerados como norma. Tudo isso nos limita, nos restringe em relação à ideia que fazemos do ser que somos, dotado de uma força de criatividade.

Por isso, não cessamos de causar cada vez mais atrito e desgaste (usura) no sistema planetário. Os esportes, os jogos e as artes

já não nos satisfazem nem como válvula de expressão de vida, nem como garantia de um equilíbrio biológico e energético.

Sem levar em conta minimamente os bens que desperdiçamos, os recursos que esgotamos e a biodiversidade que mutilamos, usamos e gastamos – geralmente sem nenhuma adequação –, todas as possibilidades de satisfação criadas por puro interesse comercial.

A paixão pelo consumo é de tal modo apreciada e encorajada que nos imunizou contra a razão e a reflexão, que são qualidades tipicamente humanas. As necessidades e desejos tornaram-se motivações de base normais e conduzem nossa vida psíquica. Um psicólogo moderno, Steven Reiss, considera que o poder, a honra, a vingança, a alimentação e a sexualidade são as cinco necessidades humanas fundamentais: desse modo, ele defende implicitamente o princípio do código de honra primitivo e perverso que tem como princípio impulsor a vingança.

Assim, vemos que a consciência e a alma humanas são a causa de tudo

isso. Do mesmo modo que parece não ser possível existir um movimento realmente perpétuo, parece que um princípio de durabilidade integral também é irrealista. Em nosso *continuum* espaço-tempo determinado pela matéria, um funcionamento energético sem nenhum desgaste, sem nenhum desperdício, é uma utopia, do mesmo modo que a grande Lei do Amor – um ideal inacessível para nossa consciência e para nossa alma de simples mortais.

No entanto, não devemos nos esquecer de que a alma tem um potencial, uma faculdade de transformação que permite que tenhamos nova compreensão e, portanto, uma mudança de vida e uma realidade diferente. Logo, podemos ser inspirados pela durabilidade da corrente transformadora que não produz atrito. Assim, poderemos tomar consciência dessa corrente sem nos tornarmos idealistas, sem nos impormos objetivos e sem nos subtermos a esforços sobre-humanos. Consequentemente, o caráter “durabilidade” não está ligado à fabricação de produtos de alta qualidade com vida longa, mas sim à atenção ao fato de evitar ou eliminar os fatores suscetíveis de bloquear os circuitos de transição de energia e de reciclagem. Portanto, a decomposição e a dissolução começam a nos parecer como importantes colunas da durabilidade – da “sustentabilidade”. Já não será necessário boicotar produtos de alta qualidade, mesmo se não forem completamente degradáveis nem recicláveis.

Para clarear nossa consciência, vejamos se a História fornece exemplos de processos sem usura ou desgaste. Para começar, temos o caminho de oito passos ensinado por Buda, senda na qual o desapego desempenha um papel muito importante. Esse desapego pode fazer desaparecer o atrito no decorrer do processo, de modo a responder a uma das condições do

despertar. Mas, como já vimos, isso pode levar o homem à inatividade, não permitindo que a alma se expresse por meio de sua criatividade.

Menos distante de nós no tempo, encontramos a figura de Hildegarde von Bingen: “Como água corrente, assim flui a Luz da Vida”. Essa Luz, que se compara à água por ser semelhante a ela, é ao mesmo tempo consciência e energia. Hildegarde foi muitas vezes chamada de “a mística verde” porque ela via a Terra, o homem e o cosmo como um conjunto vivo.

Poderá haver alguma compatibilidade entre um planeta perene e uma realidade material prática? Paralelamente, seria possível haver harmonia entre uma corrente de Força-Luz sem atrito com o processo de nossa realidade sensível? Parece claramente que existe uma Terra Santa – uma Terra sem *dukkha* – sobretudo no nível da alma. Realmente: quando nossa psique é transformada, ele se torna apta para vivenciar a Terra Santa e vivificá-la. Afinal, nossa nova mentalidade e nossa nova atitude de vida já podem se tornar autorrealizadoras, autocriadoras. Essa afirmação está de acordo com os pontos de vista metafísicos de vanguarda, que dizem que somos os criadores de nossa realidade e de seu conteúdo.

Na realidade, somos nós que, por sermos uma síntese alquímica do verdadeiro Ser, temos o poder de criar uma Terra de natureza perene. A alma que se torna autônoma e amadurecida em seu julgamento – a ponto de permitir que se manifeste nela uma economia sem usura ou desgaste (ou seja, uma concepção de gestão harmoniosa das coisas da vida) – uma alma como essa consegue ao mesmo tempo contemplar a Terra Santa e criar esse mundo perene. Como ela é observadora das relações cósmicas imaculadas, ela é construtora. Aí está nossa mis-

O conteúdo de nossa alma desempenha um papel primordial na transformação de nossa consciência, que é a chave para uma possível Terra Santa

.....



são, que se tornou realizável pelo fato de vermos, compreendermos esse surpreendente modelo energético completamente diferente do modelo da roda que emperra e desgasta. Afinal, essa é a causa de todo o sofrimento.

Basta observar o quanto a economia de mercado é destruidora e invasiva – sofremos com os olhos e com o coração. Nossa alma sofre e a expressão de sua função criativa se sente diminuída. Muitos jovens, atirados ao desemprego, já não conseguem ser criativos porque o sistema da sociedade os impede jurídica e socialmente. Sua situação financeira e psicológica vai se degradando porque o princípio do lucro vigora em toda parte e

apenas lhes oferece uma “ajuda de custo” e os expulsa do jogo. Esses jovens ainda podem pensar que são felizes de poderem se desafogar nos esportes, nos jogos ou por meio da arte, mas isso não traz um benefício real.

A maximização do lucro em detrimento de tudo e de todos chegou a um ponto crítico. Isso nos faz pensar em criar outro jeito de gerar nosso capital de energia vital que não se efetue em detrimento do bem comum nem de outras pessoas. Uma historinha de Marten Toonder, considerado o “Walt Disney holandês”, poderá ilustrar nosso propósito: “O riquíssimo O.B. Bommel tem um lema sagrado e hipócrita que diz que o

dinheiro não faz diferença para ele. Por ser naturalmente bom e cavalheiro, conseguiu elevar-se ao Conselho dos Super-Chefes, os super ricos senhores das finanças e da economia mundial. Foi assim que ele conheceu Sabetudo, outro chefe que parece um anão e que conhece antecipadamente tudo o que diz respeito ao universo e principalmente à natureza. Sabetudo enviou a O.B. Bommel um equipamento orgânico chamado *alumenergia* que gira sem parar, sem falhar,

sem precisar violentar a natureza (sem triturar todo o país). É uma espécie de movimento contínuo que se autoalimenta e gira em direção ao Nada. Mas o Super-Chefe dos Super-Chefes julga esse equipamento contrário à ordem estabelecida e, furioso, culpa O.B. Bommel: O que eu lucro com Nada? Jogue fora esse lixo e me acompanhe! Não está vendo que estamos sempre diante de uma crise?”

Essa é a atitude que vemos no mundo de hoje. A *alumenergia* que fornece energia gratuitamente é o que poderia garantir uma Terra perene. Mas a pergunta: “O que nós lucraremos com isso?” está presente em todos os níveis.

Como o valor dessa economia sem desperdício irá se manifestar em nossas almas? (E precisamos deixar claro que a alma representa o ser que deseja expressar-se neste mundo de maneira criativa, com amor, sem ferir a Terra). Aí está uma pergunta tão antiga quanto o mundo! Não somente Buda, mas também o cristianismo com a sua especial lei do amor, e também, mais recentemente, filósofos como Kant e Espinosa já responderam.

Poucas pessoas sabem que os antigos gnósticos de tradição hermética também já responderam essa pergunta. No século XX, o gnóstico Jan van Rijckenborgh resumiu o processo energético em uma fórmula lapidar: “Tudo receber, tudo abandonar e assim tudo renovar”. Evidentemente, este é um ponto de partida revolucinar, se entendermos como revolução: “Tudo renovar”!

Podemos nos indagar se a Terra está esperando por isso. Os circuitos e ciclos da natureza virgem são autossuficientes em seu equilíbrio natural. É o que sugere o famoso filme de Philip Glass, *Koyaanisqatsi*. Não seria suficiente tentar restabelecer o equilíbrio? De onde virá a energia para uma transformação da alma como

essa – da consciência? Afinal a energia vital dos seres humanos não lhes é dada de uma vez por todas no nascimento? É arriscado acreditar que poderemos restaurar o equilíbrio inicial do planeta depois de todos os atentados perpetrados contra ele, sem falar dos processos irremediáveis, como os da extinção das espécies e de organismos. Na melhor das hipóteses, o solo contaminado passaria por uma descontaminação. Quanto aos seres humanos, eles seriam colocados diante da dívida colossal de precisar evacuar, limpar ou recuperar a gigantesca quantidade de lixo e de objetos inúteis. As gerações futuras dirão o que acontecerá em matéria de sustentabilidade.

A questão principal ainda está, como sempre, na origem da energia que é capaz de nos transformar. Os gnósticos de dois mil anos atrás falavam do pleroma para evocar a plenitude da energia-alma de ordem superior como se fosse uma fonte no cosmo, sempre presente e potencialmente acessível a todos. A alma pode beber dessa fonte de plenitude. Ela está à sua disposição em toda parte e a todo tempo. O ser humano a recebe gratuitamente e, em troca, pode transmiti-la, oferecê-la, sem se prender a ela. O que é recebido de graça, seja energia, riquezas ou amor, não dá espaço para cobrança de juros. *Noblesse d'âme oblige* (a nobreza assim o exige!).

Tudo isso lança nova luz sobre a questão, uma luz hermética sobre o conceito “riqueza”. A verdadeira riqueza é aquela que pode ser oferecida ilimitadamente, pois é proveniente de uma fonte inesgotável! E como iremos nos aproximar dessa fonte para beber de sua energia? Naturalmente, não iremos esperar até esgotarmos todos os recursos do planeta para depois fazer isso! O que é notável é que não é preciso recorrer a ela de maneira ativa, mas sim em uma atitude de acolhimento:

o canal de recepção deve ser o centro de nosso ser, exatamente onde nossa alma se conecta conosco. O centro matemático de nossa própria realidade cósmica, nosso microcosmo, é também o ponto central do cosmo e de todo o nosso sistema solar – consequente, também é o centro da Terra, que faz parte desse sistema.

O conteúdo de nossa alma desempenha um papel primordial para a transformação de nossa consciência, que é a chave para uma possível Terra Santa. Nossa mentalidade, nossa atitude de vida e nossa consciência, nosso posicionamento diante da vida, tudo isso é determinante para nossa capacidade de receber a energia da plenitude, a energia da renovação, que poderá ser distribuída para outras pessoas.

Para encontrarmos a fonte, o pleroma, precisamos entrar na quietude, para, desse modo, descer rumo ao nosso centro, até as profundezas de nosso ser. É a partir dessas profundezas que a força irá se derramar em nosso coração. Esse centro de nosso ser tem proporções cósmicas: por meio dele, ligamo-nos novamente com o Sol interior. Assim, constatamos que a realidade do mundo é bem mais ampla, inclusive do que imaginávamos.

De acordo com Hildegarde de Bingen, no momento em que a corrente de energia

flui como a água, o corpo precisa fazer alguma coisa. Para Hildegarde, essa energia ofereceu uma criatividade prolífica na música, na literatura, na poesia e em muitas outras disciplinas. Oferecer a energia do pleroma a outras pessoas tem um efeito transformador e revolucionário sobre a consciência. O doador adquire uma espécie de consciência cósmica, como testemunham certas obras dessa visionária mística que falava sobre o caráter eterno e sagrado da vida.

Desse modo, a Terra é percebida de um jeito tão diferente que pode-se dizer que já é uma Nova Terra. A irradiação da vida divina pode ser percebida em cada coisa. O olhar parte do conjunto, da totalidade da vida, *sub specie aeternitas* (sob um aspecto eterno) como bem expressou Espinosa.

Mesmo não sendo capazes de observá-la com nossos olhos, essa nova vida é também uma realidade na Terra, desde que reencontremos a fonte de nosso ser, que é chamada de Tao, Brahma, Deus, ou de qualquer outro nome. O segredo, o mistério, é que essa fonte divina pode estabelecer sua morada em nós e aí cumprir sua obra, sempre por intermédio do centro situado em nosso coração. Logo que o Tao começa a traçar sua senda em nós e por nosso intermédio, Krishna, o Senhor Interior, desperta. Acontece um nascimento interior, simbolicamente representado como se acontecesse em uma gruta ou estábulo da vida microcósmica. A atividade desse princípio interior é purificadora e perene, sem nenhuma perda de energia, sem nenhum desperdício. Mas essa criatividade não irá transbordar da área de jogo que serve para medir o que é humano?

Hermann Hesse descreveu o conflito do espírito humano contra a barbárie da vontade de ter poder em um romance genial publicado em 1943: *Das Glasper-*

lenspiel (O jogo das contas de vidro).

Cinco anos antes, Johan Huizinga, em seu *Homo Ludens*: o jogo como elemento da cultura, também havia visto que a liberdade e a criatividade do homem estavam sendo ameaçadas pela brutalidade primitiva. O atual gerenciamento unilateral e a completa hegemonia dos poderes econômicos e financeiros representam, de um jeito diferente, uma ameaça de asfixia de toda e qualquer criatividade e do simples prazer de jogar – e isso é ainda mais grave.

Resumindo: se soubermos preservar a medida exata daquilo que é humano – o material, a matéria e a Terra como “espaço lúdico” – seremos imensamente ricos. ♣

**Noblesse oblige* é uma expressão francesa que literalmente significa "a nobreza obriga". Ela denota o conceito que a nobreza vai além de meros títulos e requer que quem detém esse status assuma responsabilidades sociais, particularmente em papéis de liderança.

A faculdade instintiva em ser bom

A Holanda poderia ficar feliz porque, de agora em diante, os banqueiros farão o juramento de agir com integridade – mas é lamentável que isso seja necessário. E dizer que eles só pensaram nisso porque os cidadãos comuns acharam suas taxas muito abusivas!

Em seu livro *Isto é inacreditável*, o holandês Joris Luyendijk mostra que os banqueiros estão atrás das muralhas de um sistema que pode ruir a qualquer momento. E, como não seremos descartados agorinha mesmo, é bom ficarmos atentos e cuidar, em primeiro lugar, dos nossos interesses! Por isso, a sociedade, que não achava essa situação ética, imaginou um juramento.

Uma enorme quantidade de áreas existenciais apresenta dilemas éticos. Realmente: cada decisão de nosso dia tem essa amplitude. Se pensarmos que somos Um com tudo o que É, saberemos que toda e qualquer ação traz consequências para o Todo. Portanto, supõe-se que

A ética do coração e do pensamento humano está ligada à Luz espiritual que resplandece através de sua inteligência.

conheçamos nossa responsabilidade com relação a ele. Mas restam sempre alguns compromissos a serem seguidos, porque “o homem não é um produto acabado”. De fato: por seu corpo físico, ele se submete a seu instinto e à confusa mistura de bem e mal, mas, por seu ser interior, ele é chamado a desenvolver suas grandes possibilidades.

A verdadeira ética reside no equilíbrio absoluto, o caminho do meio. Se o dicionário define a ética como “o desejo instintivo do coração humano de ser justo e de fazer o bem em relação a todos porque isso lhe dá satisfação e o eleva”, ainda falta amplitude para essa definição.

No livro *Elementos de filosofia esotérica**, G. de Purucker escreve:

“A ética do coração e do pensamento humano está ligada à Luz espiritual que resplandece através de sua inteligência. Quando seguida com honestidade, ela é um guia, uma lâmpada diante de seus pés. Ela jamais se engana e oferece ao coração humano uma paz infinita.” Nesse ponto, nos referimos ao poder latente da alma, a fim de que ela se abra para essa luz espiritual. Essa alma que assim desperta experimenta a alegria de uma compreensão cada vez mais profunda das causas de todos os dilemas.

O juramento (trechos)

Eu juro/prometo que exercerei minha função com integridade e escrupulosamente. Eu juro/prometo que avaliarei cuidadosamente todos os interesses que estão em jogo, ou seja, o interesse dos clientes, dos acionistas/membros, empregadores e da comunidade no interior da qual a empresa opera. Eu juro/prometo que, com essa avaliação, o interesse do cliente ocupará um lugar central. Eu juro/prometo que terei uma atitude de abertura, que aceitarei ser avaliado e que conheço minha responsabilidade com relação à sociedade. Eu juro/prometo que me esforçarei para manter e promover a confiança no setor financeiro. É o que eu declaro e prometo. Que Deus me ajude!

* G. de Purucker, *Fundamentals of the Esoteric Philosophy* (Fundamentos da Filosofia Esotérica), Plymouth, Mayflower Press, 1932.

Limites de um processo

Tanto as vidas como as culturas seguem, no espaço e no tempo, um processo que pode ser resumido em três estágios: subir – brilhar – descer ou crescimento – florescimento – declínio. Passamos progressivamente de uma a outra dessas três fases e a última acaba abruptamente com a passagem da fronteira, quando o organismo se decompõe. Por mais progressivo que seja esse deslizar entre uma fase e outra, ainda podemos perceber que há fronteiras que têm sua razão de ser.

N

No decorrer da fase inicial, que é a da primeira infância, já se estabelecem algumas limitações. Na educação, por exemplo, são demarcadas algumas fronteiras. Às vezes elas são impostas, às vezes não as estabelecemos suficientemente, e, nesse contexto, a criança não consegue encontrar seu rumo. Os educadores precisam ser claros e estabelecer balizas que tenham sentido para que a criança possa chegar harmoniosamente à segunda fase, a fase da puberdade, na qual novamente deverão ser determinados alguns limites. Essa passagem pode ser violenta. Há jovens que se rebelam contra o educador, mas também pode ser que essa agressividade e teimosia sejam utilizadas, com toda a sua força, para reivindicar o novo espaço de autonomia e para consolidá-lo. Se esse desenvolvimento correr bem, serão abertos novos espaços e seu valor será consolidado pela passagem da fronteira. É assim que esses espaços são ocupados com dinamismo e vitalidade e ganham conteúdo e significado.

Às vezes, a tendência de querer ultrapassar os limites não cessa. Esse jovem provocativo tenta subverter os valores estabelecidos e as normas que vêm com eles – e isso acontece quando um impulso revolucionário deseja se desenvolver. No entanto, em geral, os jovens se acalmam e entram no equilíbrio de seu próprio sistema de valores e normas e, nesse contexto, conseguem se desenvolver, no auge da vida.

Já a passagem do florescimento ao declínio (do “brilhar” ao “descer”), na terceira fase, é bem diferente. Na melhor das hipóteses, quando observamos a relatividade de tudo,



observamos o resultado de nossa vida com um olhar positivo. Com o tempo, a visão das coisas vai se ampliando muito e isso pode nos oferecer mais profundidade. É como se as fronteiras começassem a desaparecer, pois se apresentam com mais transparência: a passagem de um espaço a outro fica mais fácil. Registramos o sentido de nossa vida em um contexto global, baseado na perspectiva do mundo. Nessa fase, pode ser até que todos os limites se apaguem na consciência, para que a universalidade do mundo secular e global possa ser vista à luz da eternidade. Essa “descida” ou “declínio” toma um ar de nova maturidade, de uma riqueza que pode ser oferecida a outras pessoas. Nossa experiência de vida e tudo o que adquirimos de consciência tornam-se os motores de nossa renovação e transformação. O fim que se aproxima transforma-se em grande mistério, que se abre para a continuidade do espírito na unidade, no universal. Mais um pouco e será forjada a consciência hermética, na qual a morte não é uma realidade absoluta.

Portanto, observamos três fases no decorrer de nossas vidas: “subir – brilhar – descer”, que correspondem a “delimitar” e depois “atravessar ou ultrapassar limites” e, finalmente “suprimir barreiras”.

Essas fases também podem ser encontradas em nossa cultura principalmente nos Manifestos Rosa-Cruzes do século XVII. Examinemos esse período histórico. Ele se inicia com um impulso inédito durante o primeiro quarto do século XVII: a tentativa de se implantar, na Europa, uma cultura inédita no Ocidente, cheia de valores inovadores divulgados pela *Fama Fraternitatis*, o chamado da Ordem Rosa-Cruz, que fala de “uma poderosa criança” que será gerada pela Europa.

Doenças de infância na Europa

Tentando estabelecer-se, fixar seu quadro de valores e traçar suas fronteiras, essa cultura passou por muitas doenças de infância. Para começar, a concepção rosa-cruz do homem universal hermético não conseguiu se firmar. Giordano Bruno não teve tempo de apresentar essa magnífica concepção de ser humano no conjunto que deveria ter sido formado pela Religião, pela Ciência e pelas Artes, pois seu longo encarceramento foi seguido por um processo que o condenou à fogueira. A ausência de qualquer abertura para uma nova perspectiva em matéria de Ciência e Religião foi a causa de muito sofrimento e colocou em perigo o que acabava de se iniciar. Boehme, Andreæ e Comenius, todos eles passaram por um período de incompreensão e de hostilidade, seguido de violência. No entanto, nas áreas das artes e da ciência surgiram algumas delimitações, sinais evidentes de uma nova cultura, foram instauradas. Podemos constatar que o bom-senso e um olhar mais objetivo sobre a realidade iam ganhando terreno ao eliminarem da área científica a superstição e o dogmatismo religioso. Isso aconteceu principalmente graças aos novos instrumentos que permitiam uma aproximação da realidade de modo inegavelmente mais objetivo. O telescópio, o microscópio e a Astronomia fizeram recuar a superstição ligada às adivinhações dos astrólogos, sempre prontos a roubar um público crédulo. A Alquimia encontrou sua base prática na Química e na descoberta dos componentes da matéria. O sistema planetário mecânico e racional de Newton e Descartes acabou determinando o pensamento científico, delimitando-o. Um ditado popular nessa época diz: “medir é conhecer”. Com Espinosa, vemos abrir-se o espaço para o enunciado de um conceito superior do Divino – um conceito hermético que até hoje é cheio de vida. Também nas artes, a nova cultura chegou a se instalar. A pintura holandesa é um belo exemplo disso. A área da Música avançou, instalando uma base ilimitada para expressões e climas musicais, sendo que até essa época não era possível inventar música a não ser utilizando as modulações tidas como legítimas pela ciência dos acordes chamada “harmonia”. E como não pensar em Shakespeare, cuja expressão hermética inigualável foi um impulso inovador tanto para a cultura como para a espiritualidade? Poderíamos afirmar que a primeira fase de nossa história cultural recente, que durou até os meados do século XVIII, manifestou-se com precisão, clareza e realismo, que puderam concretizar-se graças à medida e ao número. Na área da Música, Bach é um eminente representante desse fenômeno.

Ultrapassando dogmas, números e medidas

Na segunda fase – a do brilhar e ultrapassar limites, surgiu uma atitude revolucionária, que foi ganhando terreno e culminou na Revolução Francesa, em 1789, com a luta de classes na sociedade. A nobreza foi forçada a abandonar inúmeros privilégios.

Os revolucionários não tardaram em rejeitar o rigor e a ordem da fase que terminava. As revoltas, as emancipações, as invenções, as experiências científicas foram abrindo caminho – e isso aconteceu acompanhado de provocações e mãos armadas. Ao ultrapassar suas limitações, a técnica deu vida à indústria e também ao desenvolvimento da fotografia.

As ideologias encontraram um fundamento independente da religião e foram vivenciadas na sociedade. A colonização fez as fronteiras dos impérios europeus avançarem

Na área das
ciências e das
artes
encontramos
sinais evidentes
de uma nova
cultura

.....

e muitos países estabeleceram redes comerciais do outro lado dos oceanos. A África foi fragmentada e partilhada pelas nações europeias. O Romantismo ergueu-se de tal modo contra o Racionalismo da primeira fase que, em seguida, a abstração pôde ganhar terreno na Pintura e na Música. Houve tentativas experimentais de ultrapassar a tonalidade. As Artes Plásticas seguiram o mesmo impulso, do mesmo modo que a prosa e a poesia, quando autores como Joyce, Becket e Pinter abandonaram a cronologia clássica ligada a acontecimentos. Antes disso, o “realismo do número e da medida” já havia irritado extremamente alguns autores como Goethe, que achava Bach entediante.

Essas ultrapassagens de fronteiras, próprias da segunda fase, conseguiram perturbar a ordem geral, pois houve um afastamento consequente e ilimitado de todas as relações lógicas e racionais: agora, os autores tinham como finalidade única serem originais e inovadores. A Arte deixou de ser sublime, pois nunca havia sido. No campo da Ciência, esse fenômeno transgressivo da segunda fase pôde ser sentido em todas as áreas, provocando revoluções tecnológicas incontroláveis, principalmente no setor militar, com a energia nuclear e a bomba atômica: era preciso encontrar oportunidades ligadas aos objetivos econômicos de produção. Na Filosofia, os conceitos idealistas e materialistas conheceram seu apogeu e resultaram em uma espécie de instrumentalização da consciência. A partir do século XVII, a sabedoria e as religiões das culturas estrangeiras foram objeto de busca. As pessoas se interessavam principalmente pelo budismo, pelo taoísmo e pelo hinduísmo. Na Matemática e na Física, o ser humano ultrapassou os limites estabelecidos pela Geometria euclidiana e desenvolveu a Mecânica Quântica. No mundo religioso, houve tentativas de alcançar a interioridade com base na abordagem esotérica, que saltava o muro da realidade material observável. Essa segunda fase de passagem de nossa civilização europeia, que se iniciou na segunda metade do século XVIII, seguiu até o século XX. Anteriormente, Giordano Bruno teve o imenso mérito de ser o primeiro a falar sobre o Universo infinito e de sugerir que esse Universo estava relacionado com o microcosmo – e fez essa revelação antes da publicação dos Manifestos Rosa-Cruzes!

O despertar para além da cultura

E assim chegamos à terceira fase, a das “de-limitações”, na qual todas as barreiras são aplainadas. As características dessa fase são: a globalização, a supressão das alfândegas e de várias legislações, a transparência (por exemplo: a *glasnost* soviética), a perda geral de valores, a universalidade (por exemplo: os Direitos Humanos). É o crepúsculo das ideologias e dos dogmatismos: as certezas, as pressuposições, os axiomas – tudo isso foi desmante-lado. Essa degenerescência, que ainda vai se manter por algum tempo, anuncia o fim da cultura europeia. Mas isso significa, ao mesmo tempo, um despertar que vai além da cultura: um despertar do que está vivo espiritualmente, e de toda e qualquer fronteira – o que nos permite vivenciar a unicidade.

Essa mística do Uno – do ser unificado – permite-nos vivenciar uma prática, um comportamento sintonizado com esse estado de consciência no qual nos sentimos ligados a tudo e a todos, em detrimento de nosso próprio eu, que pode sofrer. Essa vivência exige desapego ou “endura”. Mas, quando essa “morte do eu” (muito conhecida no budismo e no taoísmo) provoca grande resistência, o resultado é o conflito, que pode tomar proporções apocalípticas no âmbito coletivo.

Depois desse movimento de expansão e desapego, não há como voltar desse processo, a



não ser com muito sofrimento.

É isso que Cristão Rosa-Cruz constata quando, ao desejar voltar do caminho que havia tomado, é impedido por um vento tempestuoso, muito mais forte do que ele.

A unicidade à Luz da eternidade

Afinal, o que é essa realidade que finalmente alcançamos? A Física Quântica nos oferece uma perspectiva teórica. Durante essa terceira fase (a do desaparecimento dos limites) descobrimos, de modo muito concreto, o que a matéria realmente é – percebemos que demos a ela características absolutas e que estamos muito apegados a ela.

Desde a infância, os adultos nos habituaram a falar sobre os objetos e a pensar nas coisas como se elas tivessem uma realidade imutável. Agora, esse mundo antigo, de objetos sólidos e de leis naturais deterministas está se dissolvendo e dando lugar a um mundo que sobrevive a partir de ondas e redes de conexão. Os conceitos de “partícula

Quando as
fronteiras
desaparecem,
surgem novas
dimensões

.....

elementar”, “substância física”, “objeto isolado” perderam seu significado no momento em que o Universo está diante de nós como uma rede energética, dinâmica, que não pode ser rompida. Vivenciamos esse universo como um todo indivisível, que está sempre em movimento e do qual o observador faz parte, necessariamente.

Simultaneamente, o observador e seu microcosmo são o macrocosmo.

Paracelso, que foi um grande precursor (no início do século XVII), já havia afirmado: “Para compreender o verdadeiro significado da Alquimia e da Astrologia, é indispensável tomar consciência realmente do parentesco interior e da identidade do microcosmo e do macrocosmo, assim como da interação entre eles. Todas as forças do Universo estão potencialmente presentes no ser humano: o corpo e seus órgãos não passam de produtos desse Universo e representam as forças da Natureza”. Assim, já não somos partes separadas de um conjunto – nós somos o *Conjunto!* Também é lógico que, nessa terceira fase, iremos ao encontro de tudo o que, na Terra, respira a partir do Uno e no Uno: aquilo que, espiritualmente, é chamado de “Espírito planetário”, “o Senhor da Nova Terra” – o Cristo, que diz, no Evangelho de Felipe: “É pre-ciso de dois fazer Um”.

Logo que todo e qualquer limite deixe de existir, reencontraremos esse novo alento, que significa ao mesmo tempo o fim e o infinito da cultura europeia ocidental. Trata-se do cristianismo e de sua completa realização. É a vivência de uma força atemporal que está sempre disponível para ser utilizada na Nova Terra. Seu fardo é tão leve quanto o jugo (do qual trata o Evangelho), pois a Velha Terra já não existe. A matéria tal como a concebíamos antes, vivenciada por nossa consciência, agora pertence ao passado. A partir de então, conseguimos ver as “coisas” iluminadas pela Luz da eternidade. Contemplamos o mistério através da Velha Terra – o que equivale a dizer, como J. van Rijckenborgh em um dos hinos templários: “Que haja amor ao que vida tem, amor a tudo o que Deus nos dá”. Essa é a fase final de um processo que tem seus limites.

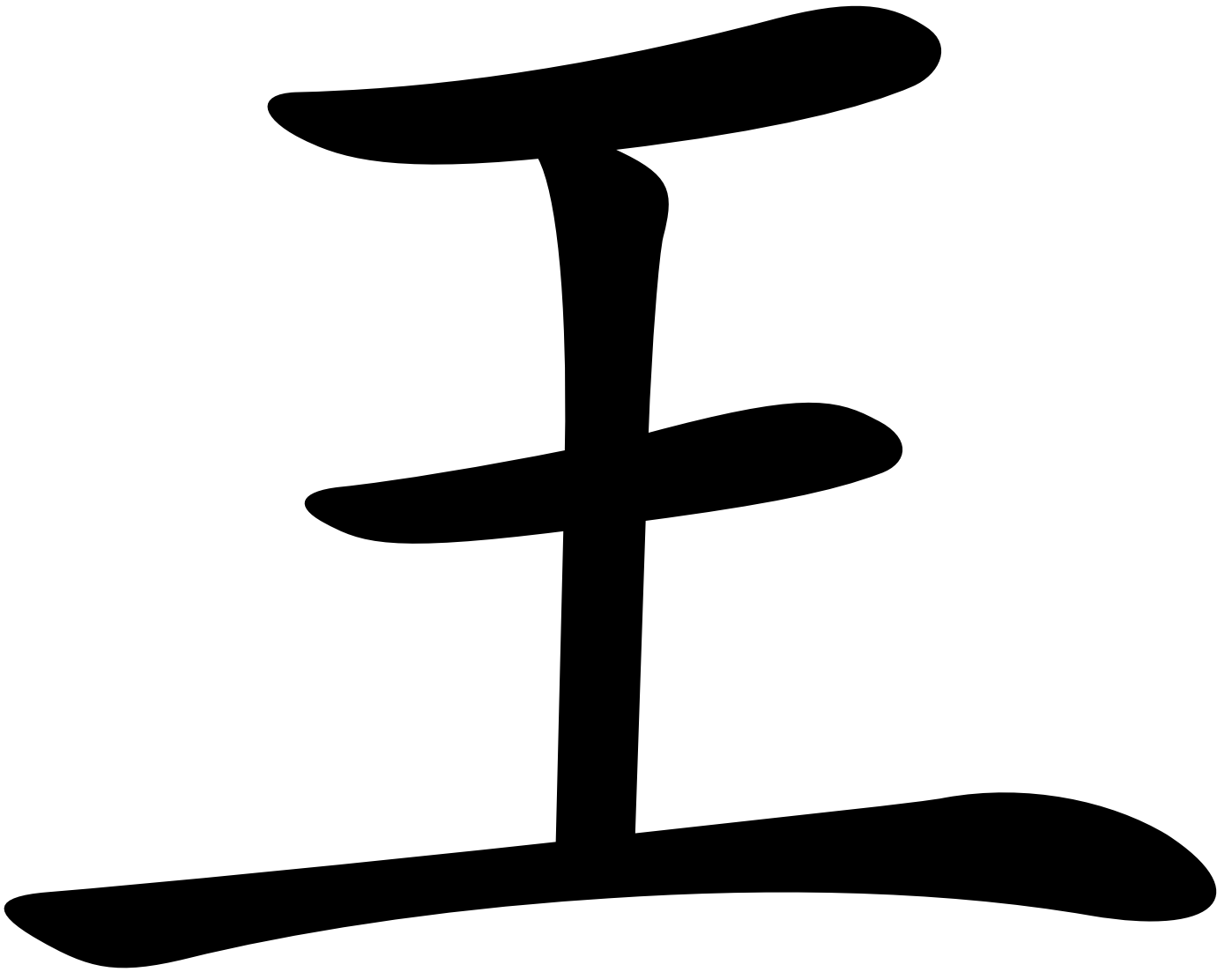
Quem é o dono da Terra?

Pode acontecer que outras culturas se aproximem da nossa a partir de uma base universal. Mas, para que esse encontro aconteça, precisaremos alcançar a maturidade – e ainda temos muito o que aprender.

Os ingleses colonizaram a Austrália com o uso da força e da exploração das terras do povo aborígene, cuja cultura era extremamente antiga. Algumas fronteiras foram delineadas; as terras, delimitadas com estacas e arames farpados. “Este território é nosso!”, afirmaram os novos proprietários.

Os aborígenes não entenderam nada sobre esses “territórios”, essas “propriedades” e esses “proprietários”. Mais tarde, quando alguns aborígenes começaram a ter noções da língua inglesa, questionaram os colonizadores a respeito disso, e estes foram incapazes de ultrapassar o abismo cultural. Por fim, um autóctone que havia captado a mentalidade dos colonizadores, expressou o pensamento aborígene: “Nós não possuímos a terra: é a terra que nos possui”.

Assim, as fronteiras vão se apagando à medida que, à Luz da relação microcosmo-macrocosmo, tomarmos consciência de nossa responsabilidade frente à Terra e tão logo alcancemos a condição de nos situar como observador no interior do conjunto – esse conjunto do qual fazemos parte e que – finalmente – nós somos. Afinal, todas as forças capazes de ultrapassar as limitações estão presentes no centro de nosso ser! ✪



A Senda Real

Segundo a visão taoísta da transformação e da alquimia, o caminho é chamado de “Senda Real”. Ele é indicado como *wang* (rei), no ideograma chinês representado na página ao lado.

O traço horizontal superior simboliza *Yang*, o Céu; o traço inferior, *Yin*, a Terra. Juntos, eles formam o mundo da dualidade.

O traço horizontal entre os dois simboliza *Yong*, o centro atemporal que está no coração, no núcleo central de tudo o que existe. Ele é estático, e é exatamente por isso que torna possível a interação entre *Yin* e *Yang* (a esse respeito, consultar o capítulo 11 do *Tao te King*: Os trinta raios de uma roda).

O traço vertical é *Te*, símbolo da força do *Tao* que, a partir do Um, flui em direção ao mundo da dualidade para, em seguida, inverter seu movimento.

O núcleo do estado de ser humano não se situa nem no Céu (*Yang*), nem na Terra (*Yin*), mas no centro imóvel (*Yong*) que reconecta o *Yin* e o *Yang*.

Céu	<i>Yang</i>		Cabeça	Homem
Centro	<i>Yong</i>		Coração	Neutro
Terre	<i>Yin</i>		Mãos	Mulher

O *Yong* é também considerado reflexo do Único, que está contido no *Tao*. O *Yong* é o ponto onde *Yin* e *Yang* encontram-se em equilíbrio: é nesse ponto que a Terra incorpora o Céu e o Céu eleva a Terra.

Pela interação contínua entre *Yin* e *Yang*, tudo o que existe é lixado, friccionado e polido, depois de passar por um processo de transformação e uma alquimia interior. O resultado disso é que as mil e uma coisas que existem são santificadas e enobrecidas. Depois disso, tudo retorna ao *Tao*, ao Único.

Toda a arte do processo alquímico consiste em preservar o Único exatamente no centro, enquanto o Céu e a Terra – *Yang* e *Yin*, o que está no alto e o que está embaixo – operam a transformação por meio de sua mútua interação. Tudo isso se torna possível pela corrente de força vertical de *Te*, a energia do *Tao*. O *Te* concede às dez mil coisas a possibilidade de transubstanciação (no sentido alquímico da palavra).



TEXTO SODALIS, J.P. WILS

O Grande Amigo de Deus do País do Alto

Na tradição oculta dos mistérios do Ocidente, é frequentemente mencionado o *“Gottes-freund vom Oberlande* (O Grande Amigo de Deus do País do Alto, eminente persona-gem da espiritualidade do século XIV. Ele surge de modo recorrente como importante fonte de inspiração de correntes mais conhecidas. Segundo a tradição, Johannes Tauler, Rulman Merschwin, Johannes Ruusbroeck, Lutero, bem como os rosa-cruzes clássicos, tinham todos uma ligação particular com esse Amigo de Deus. Para publicar novos ensinamentos sobre esse personagem enigmático, este artigo da Pentagrama baseou-se em documentos que a Ordem dos Joanitas possuía em Estrasburgo, descobertos há dois séculos, mas que permaneceram até os dias de hoje praticamente inéditos.

Segundo os textos encontrados, esse personagem misterioso do século XIV, conhecido pelo nome de *Der Grosse Gottesfreund aus dem Oberlande*, vivia retirado em um eremitério que ele mesmo havia construído e onde morava com quatro irmãos, um cozinheiro e um intendente, que também tinha a função de mensageiro. Eles permaneciam escondidos num local secreto em plena floresta, em algum lugar da Alsácia ou da Suíça. Um local somente encontrado por outros inspirados Amigos de Deus. Por que ele preferiu permanecer incógnito e viver de maneira anônima por mais de cem anos? Sua história lembra curiosamente esta outra figura centenária quase mitológica: Cristão Rosa-Cruz. Haveria uma relação entre os dois? Rudolf Steiner estava certo disso, e, segundo seu ponto de vista, essas duas figuras iniciaram um novo período de desenvolvimento para a humanidade, a

partir do ponto mais baixo de obscurantismo espiritual em que o Ocidente caíra: assim começou um processo de desenvolvimento que provocaria uma reviravolta em grande escala, mas somente no século XXI. Com relação a isso, em que ponto nos encontramos? Quais são os novos desafios diante dos quais nos encontramos atualmente? Nesse contexto, quais são as grandes questões que somos chamados a responder hoje?

Sem traços

Considerando o espírito de nossa época, o que significa esse impulso do século XIV para nós? Se esses chamados “Amigos de Deus” pertencem a todas as épocas e a todas as culturas, o que eles teriam para nos dizer agora?

Voltemos por um instante ao século XIV e pensemos em Mestre Eckhart, que viveu na Renânia de 1260 a 1328, aproximadamente. Seu principal aluno e amigo, Johannes Tauler, viveu em Estrasburgo, de

1300 a 1361. Por seu intermédio, chegamos diretamente ao enigmático Grande Amigo do País do Alto. Sabemos que ele viveu de 1315 a 1420.

Se esses dados estão corretos, em 2015 fez exatamente setecentos anos que esse Grande Amigo nasceu no coração da Europa, em Lucerna. Seu pai era um rico comerciante da burguesia abastada dos arredores da Basileia. Depois da morte de seus pais, ele se retirou dos negócios, rompeu seu noivado e vendeu propriedades e bens, a fim de se consagrar à caridade em sua cidade natal, o que durou cinco anos antes que ele se retirasse definitivamente. Depois disso, por meio de

emissários que o mensageiro mencionado mais acima enviava, ele permaneceu em contato com um monastério recém fundado em Estrasburgo, situado a trezentos quilômetros de seu eremitério secreto. Os irmãos joanitas – a exemplo dos monges-cavaleiros templários – consideravam-no um tipo de mestre esclarecido e seu pai espiritual. Alguns anos depois de sua derradeira carta, que datava de 1380, eles partiram em sua procura, mas não conseguiram encontrá-lo.

Quinhentos anos mais tarde, no final do século XIX, teólogos eruditos como Carl Schmidt, Auguste Jundt e Henry Denifle mergulharam no estudo de seus escritos e levantaram várias hipóteses sobre a identidade desse Amigo de Deus que a História guardou. Eles também não conseguiram localizá-lo e tiveram de cessar suas pesquisas. No final das contas, Danifle, teólogo católico da ordem dos dominicanos, afirmava que o Amigo de Deus jamais existira realmente e deveria ser uma invenção de seu amigo Rulman Merswin, que fundara o monastério dos joanitas, por volta de 1370, supostamente em estreita relação com ele.

Assim as pesquisas referentes à identidade do Amigo de Deus, seu lugar de residência e o que ele poderia ter significado para o futuro da Europa tiveram seu fim. Para Denifle, ele vivera somente no mundo imaginário de uns poucos, e portanto era inútil procurá-lo ou segui-lo – e ninguém deveria levar seus textos a sério.

Johannes Tauler

Rudolf Steiner tinha outro ponto de vista: ele afirmava que o personagem havia de fato existido e que desempenhara mesmo um papel eminentemente importante nos planos políticos e religiosos no grande combate de emancipação do homem ocidental. Para ele, o Amigo de Deus era nada menos que o precursor da Fraternidade da Rosa-Cruz, que teria, portanto, surgido do movimento dos Amigos de

Deus. Não adotamos nem rejeitamos esse conceito, no entanto, tomando-o como ponto de partida, ele pode ser útil e instrutivo para reconstruir a mensagem do Amigo de Deus em vista das cartas endereçadas aos outros Amigos de Deus. Dentre eles, um dos mais importantes era Johannes Tauler, que vivia e pregava em Estrasburgo.

O mentor espiritual de Tauler era mestre Eckhart, um dominicano como ele. Conhecemos o papel fundamental que essa ordem tinha na luta contra os cátaros durante o século precedente, com o triste ponto culminante em Montségur, quando, em 1244, um grupo inteiro de *bons-hommes* ou *parfaits* pereceram na fogueira. Contudo, para a ordem dos dominicanos, a Inquisição não se voltava somente contra esses hereges, mas também contra os irmãos de suas próprias fileiras que se arriscavam a falar de uma fé interior e a manifestar uma atitude crítica perante a autoridade hierárquica, tanto real quanto eclesial. Assim, Eckhart, atacado por seus irmãos, teve de se justificar durante seu processo. Não é de estranhar quando se lê o que ele diz sobre suas próprias pregações: “Eu vos digo que, se não estais vós mesmos convencidos do que se trata aqui, será difícil para vós seguir-me ou compreender-me. A verdade sobre qualquer coisa não pode ser conhecida senão pela verdade em nós. Ouvir bem implica no poder da compreensão, por exemplo da pobreza da alma já presente em nós e chamada à plena realização. Somente ao aceitar esse estado de nossa real pobreza interior podemos compreendê-la e ser capazes de abandonar nossa falsa riqueza, nossa pretensão, nossa autossatisfação e toda a nossa vontade. Quanto mais alguém abandona sua teimosia, melhor compreenderá a profundidade dessas palavras e apreciará a verdade”.

Para os dominicanos, a Inquisição também se voltava contra os irmãos de sua própria congregação que falavam de uma fé interior

.....

A defesa de Eckhart

No final do interrogatório, foi o irmão Durandus, dominicano também, que, antes da sentença final, deu a palavra ao acusado. Mestre Eckhart começa conforme segue: “Eminências, irmãos, amigos! Esta noite, tive um sonho. Eu vi o Senhor. Ele estava só, sob o céu claro, mas estava cercado por muros espessos em uma grande cidade. Esse sonho pode ser explicado de diversas maneiras. É preciso, no entanto, compreender algo da vida de cada homem. A única coisa livre em nós é o Senhor em nós. Hoje ele está sempre cercado por muros. Quando nos falava dos muros que queria destruir para reconstruí-los em três dias, ele pensava nos muros da fé antiga e suas firmes convicções. Mediante sua morte ele os destruiu, e mediante sua ressurreição ele trouxe uma renovação. A morte que sofreu foi tão completa que ele se acreditou abandonado por seu pai, e, assim, abandonou o último suporte da velha fortaleza. O que sempre pedi aos que me ouviram era que desconstruíssem os muros. Agora, a vós também peço que derrubeis vossos muros. Talvez não estejais conscientes deles, mas eu, eu os vejo muito bem. De fato, vossos muros eram os meus. Em vão eu os tomei de assalto até o dia em que vi que atravessar os muros só é possível após a morte e a ressurreição. Foi assim que o Senhor nos precedeu. Através de muros e portas fechadas ele se aproximou dos seus. Depois de sua morte, eles estavam de fato abertos a Ele e um belo dia eles o viram, ressuscitado, no meio deles. De que muros falo? De fato, na vida, cada palavra já é um muro! De toda forma, toda palavra escrita, todo teorema, toda doutrina. Para a palavra que corre livremente do coração, da fonte, elas são muros. Cada dogma assassina a vida. Os muros atrás dos quais Paulo vivia pareciam impenetráveis; no entanto, no caminho de Damasco, a luz os atravessou. Paulo surgiu como um ressuscitado. Quando a Luz do Senhor começa a operar em nós, nossos muros tornam-se Luz,

pois Ele os torna transparentes. Como reconhecemos que Ele começa a trabalhar em nós? Quando nossas prisões de pedra se racham pela força do anseio pela libertação. Anseio que se intensifica quando Ele nos faz romper a realidade e estabelece relação conosco mediante sua ressurreição. O que é antigo e conhecido se desprende de nós como um muro que desmorona. O que é novo deixa-se ver e nos entusiasma. Descobrimos o milagre da alma; suas lacunas e sua pobreza dão lugar a imensa plenitude. Ela está inteiramente presente em cada uma das partes que preenche com vida sem que, no entanto, deva se dividir. Assim, vemos como, na alma, o único e o múltiplo coincidem. Descobrimos, assim, o espaço do universo onde o tempo não existe. O tempo se manifesta no interior do intemporal. A seguir, descobrimos que o passado e o futuro coincidem com o agora. Nada há senão o eterno presente. Essas visões só podem ser transmitidas pelo coração e de coração a coração. As palavras são inoperantes, razão pela qual não presto muita atenção às palavras que pronuncio. A única coisa que me importa é tornar os muros transparentes. Somente assim poderemos nos envolver mutuamente no que é indizível. Compreendo que isso parece contraditório. Tornar transparente... como vou explicar isso? É como se Deus interpelasse os outros por meu intermédio. O que aqui peço não pode ser exigido, arrancado. O que aqui peço somente Deus pode pedir a vós. Dou-me conta disso e, no entanto, vos peço. Neste momento, reflito: terei derrubado suficientemente meus próprios muros? Não peço a vós que me reconheçais, do mesmo modo que não peço a Deus que me reconheçais. Peço a Ele que vos deixe ver com o coração Dele. Então, vosso julgamento a meu respeito será o Dele, pronunciado por vós e aceito por mim.”

A esse respeito, inesperadamente, um de seus confrades, Raimondus Bequini, tomou a palavra e dirigiu-se a ele: “Caro irmão Eckhart, permiti-me replicar algo. Eu interpreto vosso sonho de outra maneira. Vós vistes a vós mesmo, só, apartado de nós. Ora, não é assim! Vós sois dos nossos! Mesmo em vosso extravio permaneceis um dos nossos – sim, mesmo no fogo que vos anima a defender esse extravio. Mas um extravio é um extravio e deve ser reconhecido. O extravio é o destino do homem. Infelizmente, ele é frequentemente seu filho querido. Refletindo sobre isso, considero lamentável que, por amor à verdade, possamos chegar ao maior extravio. Permitted-me atenuar o caso. Vós falais dos muros que quereis demolir. Compreendi ainda assim que temos necessidade desses muros. Sem esses muros, estamos completamente extraviados. Caro amigo, para nós, eles não são muros. São os pilares de nossa fé! Eles nos protegem do adversário que tenta nos extraviar. Somente esses muros nos protegem do extravio. Sem eles, estaríamos perdidos.”

Há uma ponte para transpor o abismo?

Há uma ponte entre a igreja exterior e a igreja interior invisível, aquela que não tem muros? Entre o pensamento estabelecido e a abertura

do coração? O verdadeiro e o aparente podem se apresentar lado a lado. Os que dizem conhecer não conhecem, segundo Lao Tsé. Os rosa-cruzes dizem que “o mais elevado saber consiste em saber que não sabemos”. Quanto aos Amigos de Deus, eles falam da “pobreza da alma”. O coração não é uma biblioteca cheia de livros de sabedoria ou escrituras sagradas. O coração mais parece um estábulo ou estrebaria, em que a Luz que não é deste mundo material e temporal pode nascer a cada instante. Os gnósticos deram a essa Luz o nome de Gnosis – pura percepção, radicalmente diferente do conhecimento racional comum. Por meio de um Amigo de Deus como Eckhart, a palavra vivente se exprimiu muitas vezes e pode ser reconhecida pela Luz interior. Isso foi sentido como uma ameaça pela autoridade da Igreja institucionalizada, do mesmo modo que a atividade de Jesus representava uma ameaça para os doutores da lei. A característica da atividade gnóstica é demolir o velho e construir o novo. Em realidade, essa atividade não pode ser organizada em um sistema, mediante regras e segundo um ensinamento fixo. O caminho gnóstico – uma vez que se trata de um caminho – é o caminho direto que vai do coração humano ao coração divino, e inversamente. Sem mediador entre os dois, e sobretudo sem autoridade nem sanções. Há somente um ensinamento ou uma instituição que nos presta auxílio apenas por certo tempo e que, desde o princípio, insiste no fato de que se trata de um caminho interior que só pode ser percorrido em autoridade própria. Os Amigos de Deus sabiam disso melhor que ninguém. Por isso, o fato de ainda pertencerem à Igreja exterior não os impedia de percorrer interiormente um caminho de liberdade. Essa foi a causa de grande resistência da parte das autoridades eclesiásticas. Contudo, o ca-

minho de liberdade interior encerra um grande perigo. Pois, de que liberdade se trata? A liberdade de seguir seu próprio caminho, visando obter mais rapidamente a iluminação espiritual, liberto das regras e das obrigações? Na *Theologia Deutsch* (teologia alemã), que é uma das obras místicas dos Amigos de Deus mais conhecidas, os Irmãos do Livre Espírito são fortemente criticados. De muitas formas eles se parecem com os Amigos de Deus, apesar de estes últimos os terem considerado imitadores. Os Amigos de Deus os viam mais voltados para a manutenção da pessoa e consideravam sua filosofia uma forma de materialismo espiritual. O autêntico processo espiritual – voltaremos a ele mais adiante, num importante sermão de Tauler – era considerado pelos Amigos de Deus um processo de transformação radical, objeto de vivas reações nos círculos espirituais existentes. O verdadeiro Amigo de Deus devia “manejar sua barca com precaução entre Caríbdis e Cila”. Uma das condições para alcançar a verdadeira liberdade de espiritual interior era o abandono da vontade própria, em total conformidade com a palavra bem conhecida de Jesus: “Pai, não a minha vontade, mas a tua se cumpra”. Os Amigos de Deus e, mais tarde, os rosa-cruzes, estavam totalmente voltados para a rendição ao processo de renascimento interior, ao crescimento de uma consciência diferente, nova. Em sua tentativa de estabelecer uma ligação com a Igreja existente, eles utilizaram, sobre essa via espiritual libertadora, imagens e linguagem muito familiares do caminho de sofrimento que Jesus teve de atravessar. Não fizeram isso por estarem apegados aos eventos da História Sagrada, mas para conclamar as pessoas a trilharem esse caminho para o interior delas mesmas. Não fizeram isso tomando a Igreja como

autoridade, mas exclusivamente fundamentados na consciência que desperta do coração, o Senhor que reside em nosso interior e que quer demolir o velho templo do pensamento e da vontade pessoais para edificar um novo.

Ruptura

Para o pronunciamento da sentença final, em 1328, Eckhart deveria ir a Avignon, onde estaria presente o papa em pessoa. No entanto, em Avignon mesmo (ou talvez a caminho) Eckhart morreu de maneira completamente inesperada. Assim, ele foi poupado de sofrer uma tortura infame e sua Ordem, de ser injuriada. Apesar de tudo, alguns meses mais tarde, a notícia de sua condenação chegou a Colônia, para grande satisfação de seus detratores e também para grande consternação de seu amigo e aluno Johannes Tauler. Este, com apenas trinta anos, via Eckhart como seu grande exemplo e sua fonte de inspiração. Para os Amigos de Deus, era uma pílula amarga, difícil de engolir. No interior da Igreja começava a se esboçar um cisma. Exatamente cinquenta anos mais tarde (ou seja, em 1377), o Grande Amigo de Deus recebeu a inspiração de ir ao encontro do papa Gregório XI em Roma, admoestá-lo energeticamente e convocá-lo a proceder a uma grande reforma

da Igreja. O papa hesitou; finalmente ele não ousou dar o passo, e quando, um ano mais tarde, ele morreu, iniciou-se uma luta obstinada por sua sucessão, o que levou a um novo e importante cisma. A ruptura no interior da Igreja foi profunda. Ela resultaria na divisão definitiva com a Reforma intentada por Lutero. Não seria mero acaso se essa Reforma tivesse sido fortemente influenciada pelos Amigos de Deus, pela obra de Tauler e até pelos novos impulsos dados pelas universidades de Tübingen e Wittenberg, onde já se esboçava uma nova época para a Europa. No século XIV, a Igreja ainda era todopoderosa. Os hereges condenados eram quase que imediatamente levados à morte pública na fogueira. Poucos anos antes da condenação de Eckhart, um de seus melhores amigos espirituais, a mística Marguerite Porretre, foi publicamente suplicada pelo fogo. A mesma sorte coube a Jacques de Molay, o comandante espiritual dos templários. O rei da França, muito interessado em seu poder e em suas riquezas, chegou a convencer o papa e seus cardeais a condenar os templários. Isso ocorreu durante o Concílio de Viena, localidade próxima a Avignon. No decorrer desse Concílio, Eckhart testemunhara os jogos de poder encarniçados entre o papa e o rei. O papa perdeu a partida e o soberano pôde confiscar à vontade todas as posses dos templários, que, para seu gosto, eram muito ricos e muito poderosos. Isso permitiu ao rei de França financiar suas guerras. Na época, muitos eram de opinião que os tempos anunciados para o Armagedon haviam chegado. Quem era o anticristo? O papa ou o rei, ou ambos? Nessa época, quando as pessoas suplicavam pela chegada de um novo salvador, todos procuravam identificá-lo e se indagavam como a nova Jerusalém poderia ser construída.

No entanto, a nova Jerusalém não se constrói no mundo material: a sequência da História colocaria isso em evidência. Por volta de 1350, as calamidades oprimiam a Europa. Entre o papa e o rei da Baviera, a tensão era viva; as cidades deviam escolher de que lado estavam. Um tremor de terra devastou a Basileia e Estrasburgo. Uma peste fatal aniquilou quase a metade da população das grandes cidades. A culpa era imputada aos judeus, mas, para o Grande Amigo de Deus, tudo isso estava relacionado com a imensa desordem na vida espiritual da Europa. Ele era de opinião que a cultura europeia, tombada em grande obscurantismo, estava em seu ponto mais baixo. Em parte alguma restava Luz no coração dos homens. Todos viviam na angústia do cataclismo seguinte ou da condenação ao inferno subsequente a esta vida. Os homens de poder, tanto os espiritualistas quanto os laicos, deixavam-se conduzir por seus próprios interesses e oprimiam as populações que dependiam deles. A situação era desesperadora; impunha-se uma mudança urgente.

Reversão radical

Durante essa época, Tauler vivia retirado e cuidava de não fazer das autoridades suas inimigas. No entanto, na Renânia, ele era considerado um dos melhores pregadores. De Colônia à Basileia, ele gozava de grande notoriedade. Em Estrasburgo, no ano de 1350, ele recebeu a visita de um jovem de quinze anos que lhe pediu que se tornasse seu confessor e seu conselheiro. Era um laico que, como Tauler, vinha de uma família de comerciantes burgueses bem abastados, o que lhe possibilitava viajar frequentemente. Tauler não viu nada de mais nele; por outro lado, os olhos do rapaz irradiavam sinceridade e fé profundas. Ele pediu que Tauler fizesse uma prédica sobre a perfeição. Tauler hesitou um momento, depois consentiu,

Para os Amigos de Deus, o importante era a submissão total à consciência nascente, totalmente diferente

.....

se bem que tivesse alguma dúvida de que esse jovem laico poderia compreender o conteúdo, visto que se tratava de elevada filosofia em Latim: apenas os instruídos deveriam ser capazes de compreender, não um jovem sem bagagem intelectual. No entanto, Tauler fez o sermão explicando os vinte e quatro pontos do ensinamento de Dionísio, o Areopagita (ou Pseudo-Dionísio), uma mística do mais elevado nível, fruto da filosofia grega e da doutrina cristã da salvação. Durante a visita seguinte, Tauler ficou espantado de verificar que o jovem havia sido capaz não apenas de compreender, mas também de resumir ponto por ponto toda a prédica. Em nome dos céus, como isso era possível? A estupefação atingiu o ápice quando, perguntando ao seu interlocutor o que ele pensava, Tauler o ouviu dizer que tudo que ele pregara deveria ser verdade, mas que a intuição do jovem laico lhe dava a sensação de que isso não fora realmente vivenciado pelo pregador, que era apenas sabedoria livresca e não um conhecimento vivo proveniente do interior. Influenciado por esse parecer tão perturbador, a vida de Tauler deu uma reviravolta. Algo na opinião do jovem o comoveu tanto e tão profundamente, que os papéis se inverteram. Tauler teve a humildade de lhe perguntar se, ao invés de ser seu aluno, ele gostaria de ser seu mestre. Seguiu-se um processo de conversão interior radical que tomaria dois anos. Isso o conduziria finalmente a um irrompimento espiritual. Aconselhado por seu jovem mestre, o pregador se retirou para sua cela no monastério e parou de se apresentar em público. Ele gostaria de deixar também a Igreja, mas seu mestre anônimo o aconselhou a ali permanecer e se libertar, unicamente em seu foro interior, da instituição de poder que era a Igreja. Todos que o rodeavam pensaram a princípio que Tauler estivesse doente e, a

seguir, que ele era insensato. Nada restava de seu orgulhoso ego espiritual e, ao final de um sofrido processo e de uma noite terrível, no final do mês de janeiro de 1352, sobreveio-lhe algo como o que Paulo vivenciou no caminho de Damasco. Desde esse momento, seu mentor lhe permitiu pregar novamente. Mas foi um fiasco, pois ficou provado que ele já não era nem a sombra do grande pregador que um dia havia sido tão apreciado. Embora a igreja estivesse repleta de pessoas cheias de expectativa para ouvi-lo, ele não conseguiu articular a menor palavra a partir do púlpito. A única coisa que conseguiu fazer foi chorar, chorar e chorar. As lágrimas engolidas ataram sua garganta. Para seus confrades, para as pessoas do povo, ele era um homem acabado: o prega-

dor célebre que sabia tão bem e tão elegantemente formular suas ideias já não existia.

Como ireis encontrar o Noivo?

No entanto, uma vez ainda ele teve a oportunidade de fazer um sermão. Dessa vez, não era para o povo, mas para suas irmãs leigas. Dessa prédica de abril de 1352, seguem algumas passagens situadas em seu contexto, mas cuja essência viva ainda hoje diz muito:

“Caras amigas, há dois anos



Em 1366, a cidade de Estrasburgo concedeu a Rulman Merswin e seus amigos, que queriam fundar uma casa espiritual e lugar de repouso, a Ilha Verde, local em que dois séculos antes um monastério já havia sido estabelecido



fiz, pela última vez, um sermão aqui. Em virtude dos hábitos, havia falado em Latim para tratar dos vinte e quatro pontos sobre a via perfeita, de acordo com os escritos de Dionísio, o Areopagita. Tomei a decisão de já não agir assim e de já não falar em Latim senão na presença de eruditos desejosos de aprofundar a filosofia. Convosco, falarei em nossa língua materna e como entre amigos. Voltemo-nos agora ao nosso interior para implorar a graça de poder ouvir da justa maneira. Escolhi como texto um versículo do evangelho de Mateus: ‘Eis o noivo! Saí ao seu encontro!’ O noivo representa a Luz irradiante do Senhor, a Luz em nós; a noiva somos nós, é nossa alma. Caras amigas, somos chamados a ir totalmente abertos ao encontro do noivo. Mas talvez nos falte a visão do justo caminho e talvez todos os caminhos pareçam ser tão decadentes que perdemos o bom. Sim, para muitos dentre nós o caminho se tornou tão estranho que simplesmente já não nos sentimos em condição de ir ao encontro do noivo, apesar do ardor de nosso desejo. É sobre isso que pretendo falar. Não é verdade que cada um pode viver como uma noiva? Como ireis encontrar vosso noivo, vosso bem-amado que deseja estabelecer uma relação convosco? Caras amigas, parece-me evidente que, como noivas fiéis evitáveis tudo o que repugna o bem-amado – como estar mais voltadas a prazeres superficiais, ao modo de agir, às vossas próprias satisfações e ocupações materiais, do que deveríeis estar às necessidades razoáveis. Não deveis ostentar vosso sucesso, vossa beleza, vossa boa conduta e vosso saber. É vantajoso ser quem sois, modesta e naturalmente. Se, por causa de vosso bem-amado, estais prontas a deixar o exterior ao qual estais apegadas, então começareis a agradá-lo. E o bem-amado vos dirá: ‘Se queres real-

mente me encontrar como noivo, peço que percorras uma parte do mesmo caminho que eu já percorri. Durante trinta e três anos tive fome e sede, sofri frio, ultraje e golpes e, certamente, sofri uma morte atroz por causa de minha noiva – por grande amor a ela. Também estás disposta a tudo abandonar e mesmo a morrer por causa do Amado? De todo coração e por amor? Eu te digo, se tua constância e teu amor por mim são suficientemente profundos, todo medo desaparecerá. Ouvindo estas palavras talvez possas compreender quantas reservas ainda há em ti. Estás verdadeiramente pronta a tudo deixar, pronta a um sim incondicional ao que a vida te traz e te pede, seja doença ou saúde, alegria ou tristeza, doce ou ácido, calor ou frio, seco ou úmido? Estás pronta a abandonar tua vontade própria e a obedecer ao teu coração, à profunda Luz em ti, ao Amado?’ O que acontece quando o noivo experimenta a autenticidade do abandono da noiva? Porque ela lhe suplica, ele lhe dá uma bebida particularmente suave e doce. Que efeito tem nela essa bebida? Ela ainda sofre as tentações e presunções que já carregava. E como a noiva começa a experimentar que o Amado lhe dá isso seriamente e por inclinação benévola, ela sofre com docilidade por causa dele, por causa de seu amor. Ela se dirige a ele dizendo: ‘Ah, querido noivo, é bom que tua vontade não seja como a minha. Eu a aceito como tu queres. Tomo esta bebida que me ofereces por amor. O que isso causa à minha pessoa em alegria ou sofrimento, a isso me rendo por amor a ti.’ Quanto mais a noiva desvela a seriedade e o abandono de seu noivo, mais ele a ama; é por amor a ela que ele a deixa sofrer segundo sua natureza para que, com o tempo, ela se torne bela e liberta de todos os seus entraves, impurezas e imperfeições. Finalmente, uma vez que tudo

isso tenha passado, ele se dirige a ela: ‘Tu és agora bela, imaculada, minha querida noiva, e me és agradável’. Próxima a ele, ela sente sua amizade e seu amor incommensuráveis.

Para a alegria festiva das núpcias, o Pai eterno do noivo vem e fala à noiva: ‘Bem, minha doce amiga, minha eleita, é tempo de ir ao templo’. O Pai toma pela mão o noivo e a noiva, conduz os dois ao templo e os une em divino amor. Eles se tornam tão íntimos e tão decididos em sua união que nem no tempo nem na eternidade poderão ser separados. Uma vez assim unidos por esse casamento divino, o noivo diz: ‘Pai eterno muito querido, agora quem será, para este casamento, nosso padrinho?’ E o Pai responde: ‘É preciso que seja o Espírito Santo. Ele vem e verte na noiva o amor divino transbordante, de modo que ela é transportada e se torna ébria de amor no mais profundo de si mesma, de uma ebriedade que a faz esquecer, na temporalidade e na intemporalidade, tanto a si mesma quanto as outras criaturas’.

Caras amigas, quem é convidado a tal casamento nobre e espiritual e a ele comparece realmente, experimenta e prova a autêntica doçura plena de graça do Espírito Santo.”

Esse foi, portanto, o primeiro sermão do Tauler “renascido”, após um processo que havia durado dois anos. Para uma época diferente, uma linguagem diferente. Por um lado, ele se harmonizava com a tradição existente, por outro, era a ruptura renovadora. Mas a essência era a fé profunda na necessidade e na possibilidade de uma total transformação interior. O Tauler anterior já conhecia intelectualmente a perfeição, mas então, pela travessia de um processo radical, ele estava todo impregnado do que havia aprendido em teoria. Assim, ele pôde realmente parti-

lhar com seus ouvintes. Pela força de sua vivência, suas palavras tinham um efeito totalmente diferente do anterior. Além disso, coisas surpreendentes se produziram entre os que o escutavam. Alguns, tão profundamente tocados pelo que ele expunha, perderam a consciência; um homem caiu – foi dado como morto. Outros queriam fazer o pregador se calar – era demais para eles. Devido a todos os dramas que marcaram a época, a morte era familiar a todos. As pessoas viviam constantemente angustiadas; a vida cotidiana era feita de incertezas. Tudo isso causava em muitos uma grande abertura para trilhar de modo saudável caminhos que pudessem tocar sua essência profunda.

Durante os nove anos em que ainda pregou, Tauler confrontou seus ouvintes com esse caminho de interiorização absoluta. Seu discurso parecia concordar exatamente com as linhas diretrizes da Igreja; suas aspas, no entanto, se estendiam muito mais longe. Johannes Tauler elevou-se muito além de tudo o que era objeto de sua fé anterior.

Servos ou amigos?

Duzentos e cinquenta anos mais tarde, os rosa-cruzes exprimiram a mesma concepção em uma fórmula tríplice: “De Deus nascemos – em Jesus (o Amado) morremos – pelo Espírito Santo revivemos”. Renascemos em homens novos, diferentes. Essencialmente, havia uma ligação entre os Amigos de Deus e os rosa-cruzes. A forma, a expressão, eram adaptadas ao lugar e ao tempo, mas a essência que aí se manifestava era atemporal e ilimitada. Os que eram sensíveis podiam reconhecê-la nas diversas formas de expressão. A Luz em nós reconhece a Luz, seja qual for a maneira ela se expresse. Ela é transcendental e ultrapassa todos os nomes, todas as formas. As palavras

Johannes
Tauler
partilhou
com seus
ouvintes o
que ele
mesmo
havia vivido

.....

pertencem ao domínio do mental, do conhecido; elas não podem conter a essência. Tauler falava do “Sem fundo” de onde surgiam e onde desapareciam todas as experiências do ego e do mundo, mas que, em si, já não faz parte do domínio da experiência, já não é um ego, nem o mundo, mas Deus apenas.

Nascemos de Deus, mas não no mundo do espaço-tempo; nascemos num presente vivo onde tudo que é exprime o Único. O Espírito vivente nos faz provar esse mistério mesmo que nosso pensamento não o possa conter, não o possa reter. Como diziam os rosa-cruzes: “O pensamento mais elevado é não pensar; o mais elevado saber é nada saber”. Tauler devia ainda se justificar, pois ele já não considerava os crentes servos ou escravos de Deus, mas amigos. Um de seus confrades, furioso, perguntou-lhe: “Como ousais colocar-vos no mesmo patamar que o Senhor, o Pai, nosso criador?! Isso não é pura heresia, orgulho?”

Rumo a uma nova era

O novo homem que despertou – morto em Jesus segundo a velha natureza, renascido na força do Espírito Santo – sabe interiormente que ele já não é o servo, mas o amigo de Deus, que se tornou um servidor do mundo e da humanidade. Essa compreensão fez a Igreja tradicional perder definitivamente seu poder sobre a pessoa, sobre o amigo de Deus. Assim, há sete séculos, começou um novo período de liberdade, igualdade e fraternidade. No início, na consciência de alguns, mas a seguir, quatro séculos mais tarde, também na sociedade. No entanto, ainda havia muito a ser feito antes que essa inspiração penetrasse concretamente em todos os domínios da vida social e cotidiana. Além do mais, trata-se de um desenvolvimento que deve se produzir como por si mesmo; não deve

ser um ideal a perseguir ou um programa organizado a executar.

Antes de prosseguir, vejamos um pouco o que aconteceu com o mestre de Tauler, que, segundo Steiner, foi o amigo e precursor de Cristão Rosa-Cruz, que, como este, reencarnava regularmente para religar a sorte da Europa e dos mistérios ocidentais aos novos impulsos fortemente impressos na profunda obscuridade dos tempos de então. Vejamos se a inspiração que emanava dos Amigos de Deus e dos rosa-cruzes conduziu a uma época verdadeiramente nova ou somente a uma imitação, a uma demonstração espiritual ilusória.

Conta-se que, no ano de 1361, Tauler se preparava para sua morte e que, assim fazendo, foi cuidado em uma cabana próxima ao monastério em Colônia, cidade onde morava também sua irmã. Para ali ele convidou o Amigo de Deus para a última despedida. Durante esse encontro, ele verificou uma vez mais como a vida de Tauler havia se transformado radicalmente a ponto de este não querer de modo algum reivindicar a paternidade de todos os sermões que havia pronunciado. Deus mesmo falara através dele; isso ele sentia muito claramente; era o mesmo que acontecia com o Amigo de Deus. Toda a sua vida havia sido inspirada, era obra de Deus e não sua. Sua contribuição limitava-se ao serviço em auto-esquecimento.

Sem utopia

A intervenção secreta do Amigo de Deus mostra que, quando é dito de maneira cristã que Deus ama a humanidade de tal modo que faz seu Espírito se tornar Filho em nós, não se trata de um fato único que data de dois mil ou de setecentos anos. Isso pode se realizar nesta vida, para cada um de nós. A prova viva é que isso

Nascemos
de Deus em
um presente
vivente – o
que é um
mistério
absoluto

.....

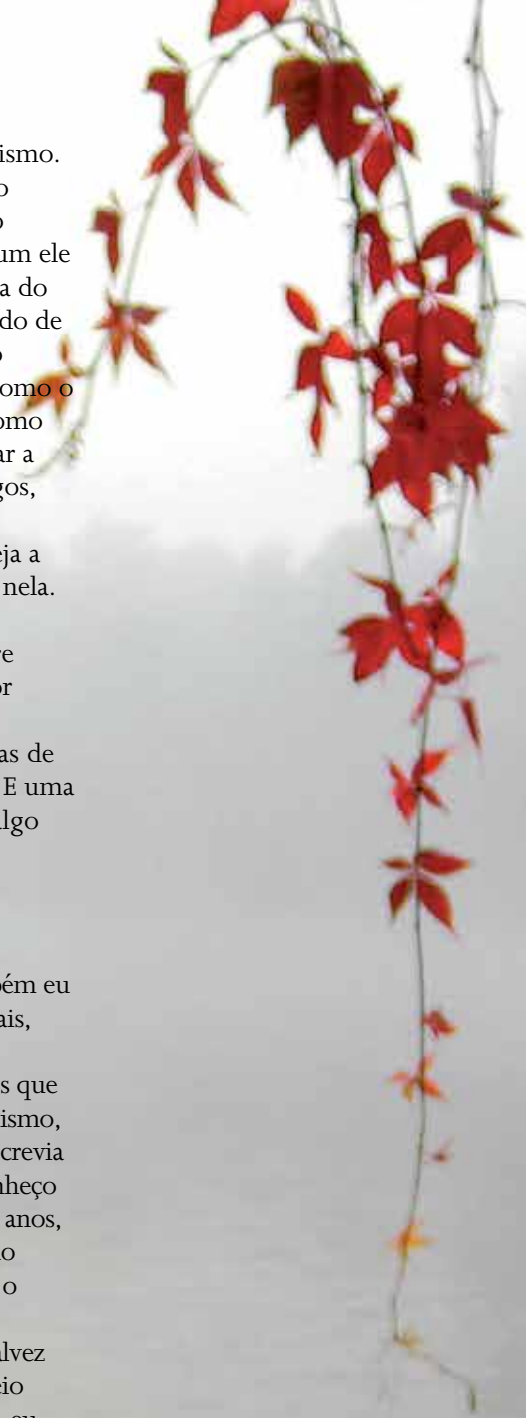
acontece com alguns, como esse Amigo de Deus. O que esse Amigo de Deus fala a respeito de si mesmo? Aprendemos um pouco num livreto oferecido aos irmãos joanistas do monastério que ele fundou com a ajuda de seu amigo Rulman Merswin. Esse livrinho descreve a vida de cinco Amigos de Deus que se retiraram da vida cotidiana, acompanhados de um cozinheiro. Eram eles: seu amigo de juventude, que havia sido um cavaleiro casado; um juiz que ele, após uma inspiração, fez sair de Praga; um sobrinho, cônego, versado nas leis e nas finanças; por fim, outro cavaleiro. Era uma companhia heterogênea de homens que haviam conhecido bem a vida mundana, mas que em certo momento se sentiram chamados a uma vida absolutamente diferente. Para terminar, ele diz algo a seu respeito, sem se prender a dados concretos, como já fizera em outro livrinho no qual falava da vida que levava com seu amigo de juventude até sua conversão.

“Caríssimos irmãos, agora que falei abundantemente da vida de meus irmãos, eu não vos culparia se quisésseis ouvir tudo sobre mim. Estou disposto a fazê-lo, mas o mais brevemente possível, pois não me agrada pensar em mim. Especialmente porque conheço pessoas que foram atingidas pelas cartas de Paulo acreditando que ele disse muito sobre si e sobre tudo que teve de sofrer. Meus caros amigos, nesta época desastrosa, vemos tantas pessoas que se extraviaram e vivem em total desordem e que, no entanto, se apresentam como virtuosas, bem-sucedidas ou piedosas. Também eu vos peço que vos protejais do mundo, pois em muitos aspectos a situação é perigosa. Vede, meus irmãos, somos atingidos pelas palavras de Paulo, que era uma Luz da Igreja e a própria modéstia, e esquecemos que ele escrevia a seus irmãos somente pela causa

cristã, pois vivia no início do cristianismo. Ele escrevia porque julgava necessário diante da situação. O amor de Deus o impelia a escrever, mas de modo algum ele pensava em si mesmo; apenas a glória do Único lhe importava. Estou convencido de que, se em seu tempo ele tivesse sido questionado sobre suas intenções – como o foi João Batista –, teria respondido como este último: ‘Não sou digno de desatar a correia de suas sandálias’. Caros amigos, neste momento, tenho confiança na humanidade. Por mais terrível que seja a situação atual, ainda tenho confiança nela. Se soubésseis tudo de antemão e me conhecésseis, eu nada escreveria sobre mim. Sabei-o, também, que não é por minha iniciativa que vos escrevo. Considerai estas palavras como vindas de Deus, de onde procede todo o bem. E uma vez que deve ser assim, direi agora algo sobre mim.

Não me é possível dizer mais

Tudo que contei sobre a vida de meus irmãos e o que tiveram de sofrer também eu vivi, com a ajuda de Deus. Além do mais, pela graça do Espírito Santo, também conheci todas as alegrias supra-naturais que eles conheceram. No início do cristianismo, inspirado pelo amor de Deus, Paulo escrevia para ajudar a jovem comunidade: ‘Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos, foi arrebatado até ao terceiro céu (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe)’. Caros irmãos, devo escrever de maneira similar sobre a graça, o que talvez possa importunar-vos. No entanto, creio que, se Paulo ainda estivesse entre nós, eu não me creria digno de tocar suas sandálias. O modo como isso ocorre eu vos descreverei, com a permissão de Deus e por amor a ele. ‘Conheço um homem em Cristo que, há trinta anos, foi arrebatado até ao terceiro céu (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe)’. Se vos digo que ele subiu ao terceiro céu sem saber como, mas com a permissão de Deus, confirmo



que é a verdade. Durante essa elevação assisti a prodígios supranaturais e fui preenchido de uma alegria que ultrapassa todo entendimento, à qual as palavras não fazem justiça. Essa é a razão pela qual pude dizer com Paulo: escutai, é bom estar aqui. Não me é possível dizer mais. Se há grandes alegrias no reino de Deus, não sei, somente Deus o sabe. No entanto penso que se eu devesse possuir todo o conhecimento e as experiências dos homens que já viveram, isso não equivaleria no mundo à menor das alegrias que provei durante esse êxtase. A duração da imensa alegria experimentada foi ao mesmo tempo muito longa e muito curta.

Irmãos bem-amados, durante esse arrebatamento maravilhoso foi-me dado compreender que eu teria ainda imensos sofrimentos a vivenciar durante minha vida, em minha natureza humana. Isso não me entristeceu de modo algum e não me custou nada. Ao contrário, eu me rejubilei, pois meu arrebatamento me fez ainda compreender que Deus não dá ao homem provações além de sua força se ele está disposto a suportá-las. Deus impõe essa pena sobretudo aos seus melhores amigos, dos quais conhece a maturidade que permite suportar o sofrimento por amor.

De sua parte, Ele se dispõe a ajudar seus amigos a suportar a pesada carga do lado que ela é mais pesada.

Caríssimos amigos, temo, no entanto, ha-ver dito muito sobre mim mesmo. Como não pensei que teria de revelar tanto a meu respeito, prefiro que tudo isso não seja levado a conhecimento senão após minha morte”.

O epílogo desse livrinho dá ainda a seguinte indicação: “Sabei, caros irmãos, que se for a vontade de Deus que meu amigo secreto (Rulman Merswin) fique mais tempo que eu neste mundo, então sabereis tudo sobre minha vida, pois ele

descobrirá onde minha vida está descrita. Se isso acontecer, ele tem minha permissão para desvelar minha existência e a de meus confrades. Caberá a ele decidir se quer ou não revelar meu nome. Se acontecesse de sermos dispersos pelos cinco cantos da cristandade, penso que eu iria em vossa direção”.

O monastério da Ilha Verde em Estrasburgo

Rulman Merswin, o amigo mais íntimo do Amigo de Deus, morreu em 1382 em seu monastério da Ilha Verde¹ em Estrasburgo. Quando todas as suas coisas foram arrumadas, foram descobertas ainda muitas cartas do Grande Amigo de Deus. Em nenhuma delas eram mencionados nem seu nome, nem o lugar de seu nascimento, nem o local onde se encontrava o eremitério na floresta. Como em um quebra-cabeças cuidadosamente composto, encontravam-se ali algumas indicações sumárias. Por exemplo: dois dos irmãos chamavam-se João, como o juiz de Praga, que primeiro tivera o nome de Abraão, mas que, quando se converteu ao cristianismo, adotou o nome de João. Dois outros irmãos se chamavam Pedro e o quinto, o cavaleiro Lutold. O cozinheiro era Konrad, e o intendente, que tinha também o ofício de mensageiro, Ruprecht. Portanto, somente os prenomes eram revelados. O eremitério devia se situar a cerca de vinte quilômetros de uma cidade de certa importância localizada às margens de um rio. Os irmãos haviam sido guiados por um cão que os precedia e que, em determinado momento, parou e arranhou o solo. Durante os anos que seguiram à morte do fundador da Fraternidade Joanita, os irmãos buscaram em vão o local onde esperavam encontrar o corpo do Grande Amigo de Deus. Eles procuraram sobretudo na Suíça. Dirigindo-se a um círculo

restrito, Rudolf Steiner, absolutamente convencido de sua existência histórica, disse que quem pudesse sentir quem ele era, qual era seu papel e seu significado, compreenderia por que é importante que muitas coisas concernentes à sua vida permaneçam secretas até que venha o tempo em que isso possa ser revelado abertamente.

Estamos no século XXI: será que isso já pode ser desvelado? E com que objetivo? Será preferível considerar que isso pertence ao passado e considerar que, no melhor dos casos, trata-se apenas de uma bela metáfora?

Haveria, ao contrário, um valor agregado em saber mais sobre esse Grande Amigo de Deus e sua história? Esse é o ponto de vista que partilhamos. Pensamos que faz sentido descobrir o lado histórico da existência do *Grosse Gottesfreund von Oberland*. Mesmo que a verdade não dependa do mundo, pode fazer grande diferença saber se o que não é deste mundo se manifestou de fato aqui como demonstração concreta, como testemunho da manifestação do Altíssimo. Porque assim se mostra a possibilidade de realizar na matéria seu verdadeiro ser. De fato, o novo homem que se aproxima não é uma utopia, nem uma ideologia, nem pura imaginação – ele pode se tornar uma realidade vivente. ✪

O tango dos opostos

É difícil imaginar que o campo ao qual nós, humanos, pertencemos seja muito maior do que a cidade, o país, o continente ou a Terra. É um campo que se estende por milhões de anos-luz e inclui tanto esferas visíveis como invisíveis, que se move continuamente por meio de forças perceptíveis e imperceptíveis. É um campo de vida irradiado pelo divino, no qual podem se desenvolver seres humanos como nós, que estamos mais ou menos inconscientes dessa ligação.

D

De vez em quando, como em um salão de tango argentino, vivificamos o campo nebuloso e quente. Timbres vertiginosos de *bandoneons*, violinos e pianos instigam os pares a um tango arrebatador, mobilizados pela energia que ondula pelo espaço apertado. Do alto do palco, acima da pista de tango, os músicos tocam suas peças com todo fervor. Ora com exaltação, ora com moderação, com ternura ou com ímpeto, dirigem com maestria os dançarinos pelo salão.

Nós também estamos dançando ali.

Giramos e rodopiamos, um ao redor do outro, ora bem próximos, ora separados, expressivos ou pensativos. Em nenhum momento perdemos o parceiro de vista; em nenhum momento largamos um ao outro, pois somos Um.

Dançamos o tango do bem e do mal, do amor e do ódio, do dia e da noite: dançamos o tango dos opostos – muito sérios

ou até leves como uma pluma. Por um momento, tudo é magnífico; em seguida, tudo é penoso; mas esse contraste é algo que reprimimos. E, nessa nossa entrega total ao tango, de repente salta à vista a parede do salão. A música altera-se e, para nosso espanto, nosso *partner* toma a iniciativa.

Impotentes, somos rechaçados. Nossa alegria parece incompleta, mas também nosso pesar não é absoluto e, depois de alguns tímidos passos para trás, conseguimos inverter essa situação, com um impulso charmoso. E o *bandoneon* rejubila-se.

E continuamos dançando. Temos de nos movimentar! Não sabemos como chegamos a isso. A noite segue seu curso e cada tango já foi dançado um sem número de vezes. E nós sentimos os ininterruptos contrastes em cada fibra, cada apoteose, cada ponto mais baixo, cada alegria.

E, lentamente, sobrevém o cansaço. Nossos movimentos tornam-se menos vibrantes, a dança mais lânguida. E quando, relutantes e desanimados, começamos determinado tango, surge em nós uma pergunta:

“Para que serve tudo isso?”

Então, subitamente, alarga-se a visão. Você ainda dança, mas, num relance, entende a peça lastimosa que continua sendo tocada até que se pergunta o que, afinal, se passa no exterior do salão de tango. Será que existe um exterior? Será que podemos escapar dessa dança que nos prendeu por um tempo infinitamente longo?



O MUNDO COMO UM FESTIVAL DE DANÇA?

Uma nova dança que provoca em você uma mudança em cada átomo, que o conduz pelo caminho da estrela que irradia, ali, perto da fonte de seu ser

E, de repente, você está fora. Olha em torno e contempla milhões de estrelas na clara noite de verão. Você é tomado por um sentimento de infinitude e, por um instante, vivencia o sensacional fenômeno de contemplar o que não tem limites. E, então, você se coloca a clássica questão: existe uma fronteira nesse infinito? Será que tudo o que é visível é limitado? O visível e o invisível, a mais dura rocha e a mais refinada emoção – todo esse Universo, o ser humano e os deuses que o criaram?

Se fosse assim, viveríamos todos em um espaço limitado como em nosso salão de tango, entre cujas paredes nascemos, somos guiados, chegamos à maturidade e morremos. Entre suas paredes, dançamos nossos tangos dos opostos. E com isso, acreditamos estar despertos, mas é uma embriaguez. Deixamo-nos influenciar o tempo todo, dependurados como marionetes em fios de forças que não conhecemos. Por estarmos continuamente dançando, não vemos que existe um nível de alerta no qual estamos, de fato, em condição de escolher. Quem percebe apenas uma centelhazinha desse despertar já não consegue dançar com os outros e, aos olhos destes, sai do convencional.

Com a dança, da qual você mesmo toma parte, o grupo inteiro deixa-se levar a comportamentos que, a uma pessoa consciente, verdadeiramente desperta, não ocorreria praticar. Você ainda quer continuar dançando? O que a dança faz com você quando não consegue conter-se?



O mesmo que acontece com o dançarino, que vai se abatendo e continua mesmo assim, que perde seu entusiasmo ardente e passa a se entregar à rotina?

E o campo de vida, ah... esse campo no qual vivemos cuida de nós como uma mãe! Somos feitos com esses elementos e nos alimentamos de frutos de regiões visíveis e invisíveis, de matéria e de força de radiação. Assim nos parece. E, quando nos entregamos ao repouso final, a matéria dissolve-se de novo em seus elementos constitutivos, reorganizando-se para uma nova manifestação.

Por isso é digno de nota que seu anseio de ampliar o alcance de seu campo de vida não diminui. Você anseia por unidade, em um mundo de dualidade; por liberdade, em um mundo de limites; e, por eternidade, em um mundo transitório. Você até vai ao enalço da imortalidade. Como acontece isso? Nós, que somos feitos inteiramente dos elementos de um campo de vida, como podemos ansiar por algo que não existe absolutamente nesse campo? É estranho que não levantemos essa questão com frequência. Enquanto conceitos como perfeição, amor incondicional, eternidade estão presentes em nossa linguagem, esses fenômenos não ocorrem no mundo a nosso redor. E o motivo é simplesmente que, no mais profundo de nosso ser, existe algo que fala a partir de um espaço sem limites, fora de nosso imaginado salão de tango, a partir do campo primordial: algo que é a vida original.

Antes, ao entrar no espaço frenético do salão de tango, você precisou deixar para trás toda e qualquer divindade. Nesse salão, quem rege são as leis dos passos de dança do tango. Tudo aí é parte do passado, para que o não divino pereça um dia por si mesmo.

Precisamente neste momento você está

lá fora, com tudo isso lhe passando pela cabeça. Então, o raio de uma estrela incide em seus olhos, cintila e põe todo o Universo interior em movimento... E é sua vez! Você está na fila, talvez como o ser humano de número dez mil. A estrela põe o núcleo em movimento, ou pode ser que o núcleo esteja atraindo a luz dessa estrela, quem sabe... Mas, vindos do campo original, penetra um impulso atrás do outro, vem sugestão após sugestão. Unidade, liberdade, amor, valores eternos sem forças antagônicas, afeição, benevolência, força, criatividade são impulsos como uma nova melodia. E você aninha esses impulsos! Enquanto seus predecessores entravam inteiramente na dança, você está aí parado, e seu sistema cansou-se dessa movimentação contínua e sem sentido. A melodia do campo original vai penetrando cada vez mais em você. Primeiro era quase inaudível e, logo depois, regida pela orquestra, se torna gradativamente mais nítida, mais expressiva, até que, chega uma hora em que ela já não pode ser ignorada; e começa uma nova dança que provoca em você uma mudança, até em cada átomo, que o conduz pelo caminho da estrela que irradia bem ali, perto da fonte de seu ser. Mesmo que você esteja esgotado de cansaço, a única coisa a fazer é acompanhar a música, aprendendo os passos dessa melodia divina. Ao entrar na nova dança, você suspira pela mais pura nostalgia, pela luz da estrela que o guia. Resolve já não lutar contra as forças desta natureza, já não se precipitar de forma destrutiva sobre mais um pensamento em pares opostos que, depois, inevitavelmente, vai tornar-se seu parceiro de dança. Sejam quais forem as circunstâncias cambiantes em que se encontre, você deixa que o núcleo determine o movimento.

E, assim, com você protegendo a si mesmo, envolvido pela nova melodia e a estrela no centro, finalmente seu mais profundo anseio é realizado. Quando, familiarizado com o cenário de fora, você olha atentamente em volta, percebe que existem muitos como você. Uns estão dando seus primeiros giros ainda titubeantes; outros se movem com desembaraço, no ritmo, em uma pista de dança cósmica. ★

Para resistir, somos obrigados a trabalhar em nós mesmos

Que fenômeno incrível é a resistência! Quem não conhece seu peso, seus punhos e suas arestas? Quem não conhece a luta contra ela, a contra-resistência? A vida e o mundo estão sempre fazendo nascer a resistência.

A resistência provoca fricção, atritos que nos fazem vivenciar experiências – afinal, não é por isso que estamos no mundo? Sem ela, não faríamos nenhum esforço para agir e avançar. Às vezes dizemos: “Se meu fardo desaparecesse, a vida – ou a senda – haveria de se abrir para mim”.

Pelo contrário! Essa resistência é justamente a vida e o caminho. Por isso, podemos vê-la como um fenômeno muito especial. Para o aluno, a resistência ou a oposição representa um instrumento extremamente útil.

A Internet nos mostra que há atualmente sessenta e cinco conflitos armados e guerras em andamento no mundo. Diante disso, a enorme oposição que enfrentamos – tanto como rosa-cruzes quanto como cidadãos do mundo – é ao mesmo tempo uma motivação, que nos impulsiona a percorrer a senda. A oposição à violência, à grosseria e a todos os excessos em livros ou à televisão, também é um convite para fazermos uma escolha: para dizermos categoricamente “não!” a tudo isso em nossa vida.

A oposição ao comportamento das pessoas ao meu redor me oferece um espelho, onde vejo o reflexo das minhas próprias atitudes indecentes e deselegantes: se não fosse assim, certamente eu não acharia essa situação nem um pouco inconveniente. O próprio sentido da resistência, da oposição, é o de me fazer perceber que há alguma coisa a ser trabalhada em mim. É aí que está uma lição bem embalada, que levará o tempo que for necessário para ser aprendida. Na verdade, a raiz da oposição é o fato de que não quero aceitar a realidade, não quero estar onde estou nem ser quem sou. A não aceitação dessa realidade custa muita energia e cria muitas turbulências no coração e na cabeça. É uma luta que jamais vou conseguir ganhar. Quando tento lutar contra minha própria resistência, só consigo reforçá-la – colocar minha energia nisso só vai fazer que ela aumente. No livro *A Gnosis Chinesa*, J. van

Rijckenborgh explica o conceito de wu-wei, o não agir, como uma tentativa de neutralizar tanto quanto possível as enormes diferenças entre as duas expressões da consciência para deixar prevalecer as forças de uma ordem superior, que possam provocar o desapego.

O sismógrafo das minhas resistências me faz ver claramente onde eu devo trabalhar em mim mesmo. Estou exatamente no lugar onde devo estar. “Onde está o caminho? Em que ponto estou? Não existe outro caminho?”

Um canal de entrada para esse trabalho de avaliação da resistência consiste em examinar o valor que atribuímos a um acontecimento, a uma situação ou, ainda, a uma pessoa.

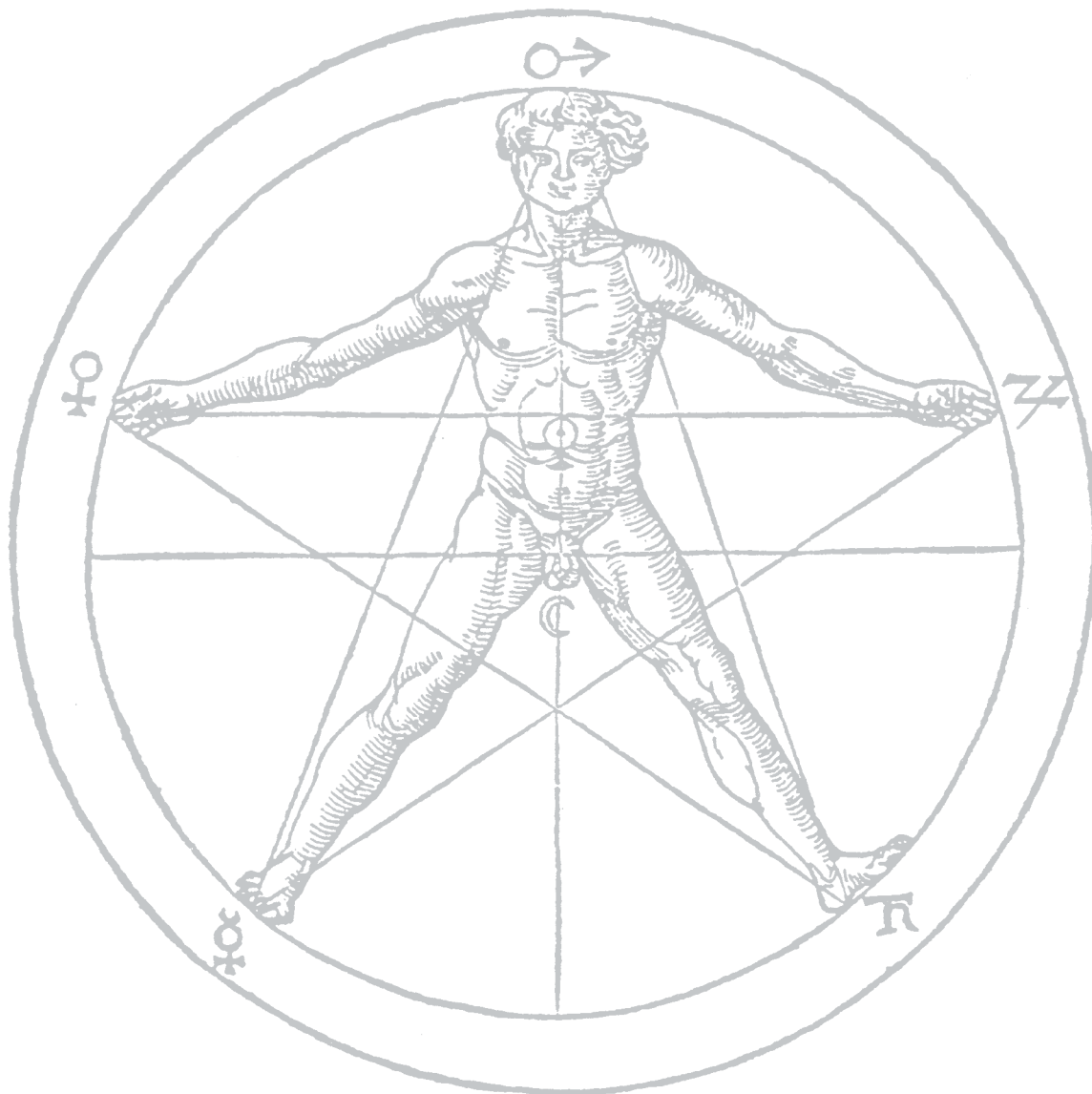
Logo que acabamos de analisar a situação e interpretamos seu significado, o que resta é somente a verdade, nua e crua: as coisas do jeito que são, e mais nada. A vida é simples, nós é que a complicamos.

Nós não vemos as coisas do jeito que são: nós as colo-

Quem não aceita a realidade passa por turbulências na cabeça e no coração e perde muita energia.

rimos com nossas tintas, com base naquilo que somos. A resistência é, por excelência, uma força do ego, que quer mudar as coisas para que sejam do nosso gosto.

A respeito disso, Buda diz: “Onde não há ego não há resistência; onde não há resistência não há sofrimento”. Isso não quer dizer que não iremos sentir dificuldades na vida – Buda afirma que, quando abrimos um caminho através do labirinto da vida, podemos, ao mesmo tempo, trilhar a senda, entregando a vitória à quietude do coração.



Edição

Rozekruis Pers

Redação Final

Peter Huijs

Redação

Kees Bode, Wendelijn van den Brul, Arwen Gerrits, Hugo van Hooreweeghe, Peter Huijs, Frans Spakman, Anneke Stokman-Griever, Lex van den Brul

Diagramação

Studio Ivar Hamelink

Secretaria

Kees Bode, Anneke Stokman - Griever

Redação

Pentagram
Maartensdijkseweg 1
NL-3723 MC Bilthoven, Países Baixos
e-mail: info@rozekruispers.com

Edição brasileira

Pentagrama Publicações
www.pentagrama.org.br

Publicação digital

Acesso gratuito

Responsável pela Edição Brasileira

Adriana Ponte

Coordenação, tradução e revisão

Adriana Ponte, Emanuel Saraiva, Rossana Cilento, Amana da Matta, Carlos Gomes, José de Jesus, Marcia Moraes, Mariana Limoeiro, Marlene Tuacek, Mercês Rocha, Rafael Albert, Ellika Trindade, Fernando Leite, João Batista Ponte, Lino Meyer, Luis Alfredo Pinheiro, Márcilio Mendonça e Urs Schmid

Diagramação, capa e interior

Bruna Andrade

Lectorium Rosicrucianum**Sede no Brasil**

Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo - SP
Tel. & fax: (11) 3208-8682
www.rosacruzarea.org.br
info@rosacruzarea.org.br

Sede em Portugal

Praça Anónio Sardinha, 3A (Penha de França)
1170-022 Lisboa
lisboa@rosacruzarea.org
portugal@rosacruzarea.org

A revista Pentagrama é publicada quatro vezes por ano em alemão, inglês, espanhol, francês, húngaro, holandês, português, búlgaro, finlandês, grego, italiano, polonês, russo, eslovaco, sueco e tcheco.

© Stichting Rozekruis Pers
Proibida qualquer reprodução sem autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253

- A sede da alma
- Saúde
- O sacrifício das Palavras
- Sobre o indizível

Simpósio >

A impostura: Como o ouro, a prata e a moeda distorcem os valores essenciais e não trabalham pelo homem, mas contra ele

A ilusão da humanidade

Uma terra perene... será que ainda é possível?

- Limites de um processo
- A Senda Real
- O Grande Amigo de Deus do País do Alto
- O tango dos opostos